

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Taise Motta Rensch da Silva

**O BRINCAR DANÇANTE: A CRIANÇA E SUA INERENTE
NECESSIDADE DE BRINCAR E SE-MOVIMENTAR PELA DANÇA**

Santa Maria, RS
2018

Taise Motta Rensch da Silva

**O BRINCAR DANÇANTE: A CRIANÇA E SUA INERENTE NECESSIDADE DE
BRINCAR E SE-MOVIMENTAR PELA DANÇA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Área de Concentração Educação Física, Saúde e Sociedade, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Educação Física**.

Orientador: Prof. Dr. Elenor Kunz

Santa Maria, RS
2018

Motta Rensch da Silva, Taise
O BRINCAR DANÇANTE: A CRIANÇA E SUA INERENTE
NECESSIDADE DE BRINCAR E SE-MOVIMENTAR PELA DANÇA /
Taise Motta Rensch da Silva.- 2018.
85 p.; 30 cm

Orientador: Elenor Kunz
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Educação Física e desportos, Programa de
Pós-Graduação em Educação Física, RS, 2018

1. Criança 2. Brincar e se-movimentar 3. Brincar
dançante I. Kunz, Elenor II. Título.

Taise Motta Rensch da Silva

**O BRINCAR DANÇANTE: A CRIANÇA E SUA INERENTE NECESSIDADE DE
BRINCAR E SE-MOVIMENTAR PELA DANÇA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Área de Concentração Educação Física, Saúde e Sociedade, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Educação Física**.

Aprovado em 03 de agosto de 2018:

Elenor Kunz, Dr. (UFSM)
(Presidente/ Orientador)

Andrize Ramires Costa, Dra. (UFPEL)

Rosalvo Luis Sawitzki, Dr. (UFSM)

Wenceslau Virgilio Cardoso Leães Filho, Dr. (UFSM)

Santa Maria, RS
2018

AGRADECIMENTOS

Quando temos um sonho, e desejamos ele de forma intensa, com certeza conseguimos realizá-lo. Não tenho dúvidas que a Educação Física é tudo o que eu sempre quis, desde criança sonhava em ser Professora de Educação Física. O tempo foi passando, e eu continuava com o mesmo desejo, cada vez com mais convicção, e dentro de tudo isso havia o objetivo maior que era a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Sair de casa, do interior de Alegria (RS), não foi tarefa fácil. Convencer a todos de que eu queria estudar, aprender a viver sozinha, todas as tarefas que só quem sai da casa dos pais entende, foi um processo difícil, mas com certeza valeu a pena para todo o meu processo de aprendizado. Então prestei o vestibular em Educação Física e passei, e a partir daí, durante a graduação, surgiu um novo sonho, o mestrado em Educação Física. Para chegar aqui, eu estudei muito, me dediquei, batalhei e consegui. Todo o meu esforço valeu a pena, estou muito feliz em poder estar realizando esse sonho.

No entanto, quero deixar claro que tudo isso só foi possível pela colaboração de pessoas especiais, que me acompanharam e estiveram comigo nesta caminhada. Obrigada de coração a todos que me auxiliaram durante esse período, e acreditaram em mim e, que seria possível a realização desse trabalho.

Agradeço em primeiro lugar a DEUS, que esteve ao meu lado no decorrer desta caminhada.

Agradeço aos meus pais, minha base e alicerce, que sem eles nada seria possível. Pelo amor, carinho e dedicação, por todo apoio emocional e financeiro que sempre tive, por sempre acreditarem em mim e nos meus sonhos. Meu pai Mauri e mãe Mara, amo vocês incondicionalmente, obrigada.

À minha irmã Tamires, que está comigo diariamente e participou desta caminhada.

Aos meus avós, Lúcia, Ari, Erica e João que mesmo sem entender muito bem todos os meus estudos, sempre estiveram presentes na minha formação como pessoa, desde pequena, e que me incentivaram a ser quem sou hoje.

Agradeço ao meu orientador Elenor Kunz, pelas orientações, ensinamentos e toda a sua dedicação. Pela paciência, conversas, momentos de grandes aprendizados. Por todo ensino sobre a Criança e o Brincar e Se-Movimentar, e o

“verdadeiro” sentido do Brincar. Serei eternamente grata por esta oportunidade de estar ao seu lado e aprender contigo. Obrigada por acreditar em mim e no meu trabalho.

Agradeço ao Professor Rosalvo, meu conterrâneo de Alegria que, desde o início da minha formação, me incentivou e me oportunizou participar do seu projeto. E agora, durante esses dois anos, sempre estive à disposição para dúvidas e esclarecimentos. E também por aceitar fazer parte da minha Banca, com todas as suas contribuições.

Agradeço à Professora Andrize, Professor Wenceslau e Professor Rosalvo por aceitarem o convite para minha banca. Obrigada pelas contribuições, disponibilidade e oportunidade de aprender com vocês.

Enfim, obrigada a todos que estiveram comigo durante esses 2 anos de mestrado e possibilitaram que esse momento fosse possível.

“Brincar com criança não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem.”

(Carlos Drummond de Andrade)

RESUMO

O BRINCAR DANÇANTE: A CRIANÇA E SUA INERENTE NECESSIDADE DE BRINCAR E SE-MOVIMENTAR PELA DANÇA

AUTORA: Taise Motta Rensch da Silva

ORIENTADOR: Elenor Kunz

Este estudo se propôs essencialmente conhecer melhor as crianças, compreender o mundo de vida e o mundo de movimento, seu brincar e se-movimentar em tempos de tecnologias e falta de tempo de Ser Criança. Algumas questões foram levadas em consideração: a criança ainda tem tempo para brincar e se-movimentar livremente? Quais as suas possibilidades de brincadeiras? E seu envolvimento com as novas tecnologias? Para tanto, é necessário situar a criança nos diversos processos históricos, trazendo um pouco sobre a história da criança, surgimento das creches e a educação física na Educação Infantil. Sendo assim, o objetivo da pesquisa é: investigar, pela literatura, a opressão cotidiana de crianças para se tornarem adultos produtivos, e a possibilidade de perda gradativa de uma de suas necessidades vitais que é o brincar e se-movimentar de forma mais livre e plena, e se um “brincar dançante” poderá resgatar e reintroduzir a criança nesse mundo do brincar e se-movimentar. Esta investigação foi feita por meio de uma Pesquisa Teórica, a fim de dialogar com diversos autores sobre o tema e produzir novos conhecimentos. O trabalho apresenta fundamentos com algumas críticas sobre o brincar da criança que não possui tempo para brincar e se-movimentar nos dias de hoje, e está sendo inserida precocemente em instituições de ensino infantil, apressando seu desenvolvimento para o mundo dos adultos. A intenção não é solucionar esse problema, mas sim fazer um alerta para adultos, professores e instituições infantis, e levar mais em consideração o Ser Criança na sua essência, valorizando suas potencialidades e possibilidades, por meio do brincar e se-movimentar que pode ser introduzido ou reintroduzido através de um “brincar dançante”.

Palavras chave: Criança. Brincar e Se-Movimentar. Brincar dançante.

ABSTRACT

THE DANCING PLAY: THE CHILD AND ITS INHERENT NEED TO PLAY AND MOVE-YOURSELF THROUGH DANCE

AUTHOR: Taise Motta Rensch da Silva
ADVISER: Elenor Kunz

This study aimed essentially to know children better, to understand the world of life and the world of movement, their play and move-yourself in times of technology and lack of time to be a child. Some issues were taken into consideration: does the child still have time to play and move-yourself freely? What are your possibilities for jokes? And your involvement with the new technologies? Therefore, it is necessary to place the child in the various historical processes, bringing a little about the history of the child, the emergence of day care centers and physical education in Early Childhood Education. Thus, the objective of the research is: to investigate in literature the daily oppression of children to become productive adults, and the possibility of gradual loss of one of their vital needs, which is to play and move-yourself freely and fully, and if a "dancing play" can rescue and reintroduce the child in this world of play and move-yourself. This research was done through a theoretical research, in order to dialogue about authors and new knowledge. The work presents fundamentals with some critics about play of the child who does not have time to play and move-yourself in the present day, and is being inserted early in childhood education institutions, speeding its development to the adult world. The intention is not to solve this problem, but make an alert for adults, teachers and children's institutions, and to take more into account the Child Being in its essence, valuing its potentialities and possibilities, through play and move-yourself that can be introduced or reintroduced through a "dancing play".

Keywords: Child. Play and move-yourself. Dancing play.

SUMÁRIO

1 PASSOS INICIAIS	10
2 CONSTRUINDO CAMINHOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS	17
3 CONCEITOS HISTÓRICOS SOBRE A CRIANÇA	19
3.1 A CRIANÇA E A EDUCAÇÃO INFANTIL: INSTITUIÇÕES PARA PRIMEIRA INFÂNCIA	24
4 ANÁLISE CRÍTICA DAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL E A ESCOLARIZAÇÃO PRECOCE DE CRIANÇAS.....	29
4.1 ORGANIZAÇÃO DO TEMPO: A CRIANÇA À MERCÊ DO TEMPO DO ADULTO	33
4.2 EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL, EXISTE ESPAÇO PARA O PROFISSIONAL DESTA ÁREA NESTE ÂMBITO ESCOLAR?	39
5 PELA BUSCA DA SUPERAÇÃO: A TEORIA DO SE-MOVIMENTAR	46
5.1 A CRIANÇA E O BRINCAR E SE-MOVIMENTAR.....	49
6 A IMPORTÂNCIA DO DANÇAR COMO UM BRINCAR E SE-MOVIMENTAR SIFNIFICATIVO: O BRINCAR DANÇANTE	57
6.1 POSSIBILIDADES REAIS PARA UM BRINCAR DANÇANTE NA ESCOLA (CRECHE)	63
6.2 FAZENDO CONEXÕES: SE-MOVIMENTAR E BRINCAR DANÇANTE	69
7 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS.....	81

1 PASSOS INICIAIS

A infância é uma fase importante na vida das crianças, a verdadeira essência de um Ser Criança se manifesta. Em condições normais, é nesse período que ela aprende a se comunicar pelo brincar e se-movimentar, e é através disso que ela expressa suas emoções e diferentes sentimentos, de alegrias, tristezas, frustrações, que ficam registrados na memória para sempre. É de fundamental importância que esse tempo seja bem aproveitado e experienciado porque pode contribuir para o desenvolvimento de uma maior autonomia para o resto da vida desta criança.

Paro¹, penso e logo vem em minhas memórias a minha própria infância... Ah! que tempo bom! Onde o brincar era rotina em minha vida. Lembro de várias brincadeiras: pega-pega, esconde-esconde, bolinha de gude, sem falar nas criações de casinhas de barro, cabanas de diversas formas no meio do mato (tábua, taquara), onde queria morar como se fosse a “própria casa”, e a construção de carrinhos de rolimã, feitos pelo meu avô... que lembranças boas.

Com certeza tive uma infância privilegiada, nasci e cresci em um sítio no interior do município de Alegria, localizado na região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, com apenas 5 mil habitantes, ou seja “interior do interior” (risos), onde o acesso à indústria era algo distante da realidade e, por questões econômicas da época, para comprar brinquedos não era tão fácil como hoje, e por isso recorriamos à imaginação e à criação. Em compensação, nesse local havia muito espaço livre, gramados, árvores, animais, rios, onde o brincar se tornava fantástico, era o lugar perfeito, não existiam preocupações, a tranquilidade tomava conta, a imaginação e a criatividade vinham à tona e as brincadeiras surgiam.

Recordo-me da alegria de me sentir livre, correr, cair, brincar, não me preocupar com o tempo, apenas sentir e se deixar levar pelas brincadeiras. Foram muitas manhãs e tardes em construções de brinquedos, onde tinha o prazer em construir e usar a criatividade. Peteca de sabugo de milho, carrinhos de madeira, bonecos de barro eram algumas das invenções, sem dúvida a imaginação corria solta. Tive espaço, tempo e pessoas que contribuíram para que essa fase fosse muito bem aproveitada.

¹ Neste primeiro momento, com o intuito de apresentar uma justificativa pessoal para realizar esta dissertação, utilizo o tempo verbal em primeira pessoa do singular.

Na propriedade rural em que cresci havia um gramado com um morro enorme, ali a aventura acontecia. Com a ajuda do meu Avô, eu e meus primos construíamos os carrinhos de rolimã. Lembro-me da emoção em descer de carrinho, o vento no rosto, a sensação de ser livre, os tombos, tudo fazia parte, a adrenalina era mil. Recordo que me sentia uma criança feliz, brincar era sempre uma alegria, onde eu podia imaginar e fantasiar diferentes histórias. A brincadeira possibilita a gente ser quem quiser, no faz-de-conta eu posso ser piloto, jogador de futebol, bailarina, e isso faz com que a brincadeira seja mágica, inocente, criativa e divertida.

Lembro que dançar era uma das minhas paixões, minha brincadeira predileta, não podia ouvir uma música que estava balançando o corpo para lá e para cá. Mas quem não é assim? Quem não se deixa levar ao som de uma música? Ela contagia a todos com sua melodia que faz a gente brincar dançando. Sejam adultos ou crianças, em algum momento da vida vivenciaram a sensação maravilhosa de dançar. É como se sentir livre, é agir sem pensar no movimento, é deixar que o movimento conduza o nosso corpo num ritmo frequente, e a emoção vem à tona com o sentimento de estar vivo, enérgico, vibrante e feliz. Deixar a criança brincar dançando é uma ótima alternativa para ela se-movimentar livre, criativa e expressivamente. Em minha memória ainda relembro de algumas cantigas de roda, que brincava em casa e na escola com os amigos, “roda cotia”, “ciranda-cirandinha”, “atirei o pau no gato” eram algumas das preferidas, ao mesmo tempo em que cantava, dançava e assim ocorria um “brincar dançante”.

Enfim, ao descrever acima, de forma resumida e em poucas palavras, a minha infância, fico emocionada ao recordar dessas lembranças, o sentimento de saudade me invade o peito. Hoje eu posso dizer que a brincadeira sempre esteve presente em minha vida, e que o meu tempo de criança foi muito bem aproveitado. Eu brinquei, experienciei, eu vivi. Só tenho a agradecer ao ambiente em que fui criada e à minha família, por proporcionar essa infância riquíssima, de brincadeiras e muito amor.

Diante disso, minhas memórias, com certa melancolia, me fizeram pensar e questionar para esta pesquisa: na atualidade a criança ainda tem tempo para brincar e se-movimentar livremente? Há interesse delas para esta atividade em tempos de tanta tecnologia e educação precoce que as envolve plenamente? Um “retorno” físico, emocional e afetivo ao livre brincar e se-movimentar seria possível iniciando-se com um Brincar Dançante? A proposta de pesquisa apresentada busca

compreender o mundo de vida e o mundo do brincar e se-movimentar da criança, sua relação com o brinquedo e com a tecnologia que elas têm acesso hoje, e, por fim, descobrir o sentido do brincar dançante, onde crianças brincam de dançar e dançam brincando, não apenas como uma opção de brincar e se-movimentar mais livre nos dias de hoje, mas propriamente como uma redescoberta da criança ao seu mundo do brincar e se-movimentar.

Como existem muitas constatações teóricas em relação à escolarização precoce da criança, que está cada vez mais cedo sendo colocada em escolas e se apressando seu desenvolvimento, e também, a influência do mundo tecnologicizado sobre elas, essa pesquisa visa a possibilidade de encontrar na dança um elemento importantíssimo e fundamental para resgatar na criança a imprescindível necessidade vital de brincar e se-movimentar. Portanto, considerando que o “brincar e se-movimentar” é essencial para que a criança se desenvolva com autonomia e da maneira mais plena possível, o problema da presente pesquisa se configura diante da criança que, ao ouvir sons, ritmos, músicas, é induzida a se movimentar ritmicamente, como em uma dança. Assim, o problema apresentado é: como esse “brincar dançante” pode resgatar e reintroduzir a criança novamente no mundo de vida e de movimento?

Sendo assim, o objetivo geral da pesquisa é:

- Investigar, pela literatura, a opressão cotidiana de crianças para se tornarem adultos produtivos, e a possibilidade de perda gradativa de uma de suas necessidades vitais, que é o brincar e se-movimentar de forma mais livre e plena, e se um “brincar dançante” poderá resgatar e reintroduzir a criança nesse mundo do brincar e se-movimentar.

Objetivos específicos:

- Buscar e discutir na literatura aspectos da vivência das crianças em seu cotidiano, e a opressão que sofrem, por parte dos adultos, pela escolarização precoce: a criança ainda tem tempo para brincar livremente? Quais suas possibilidades de brincar e se-movimentar?

- Investigar perspectivas para introduzir na Educação Infantil o “dançar-brincante”, ou seja, o brincar e se-movimentar da dança pela dança.

Desse modo, fazer um estudo sobre a criança e o brincar é de suma importância na sociedade atual, onde o brincar livre e espontâneo está se perdendo em meio a tantas outras opções nas sociedades modernas de rendimento. Nestas, a

liberdade infantil de criar, inventar e imaginar brincadeiras é desnecessária, onde os brinquedos vêm pronto, e logo perdem a graça, o lúdico. Os jogos estão se perdendo, sendo substituídos pelos “jogos eletrônicos”, o papel da criança, que era brincar, e dessa forma aprender a ser independente, e construir sua própria opinião, está sendo influenciado pela sociedade, pela indústria e pelos adultos. Nesse sentido, Kunz (2001, p.) colabora,

As crianças precisam de liberdade para brincar e se-movimentar. Os espaços e tempos para uma formação autônoma foram substituídos por máquinas, aparelhos eletrônicos, construções urbanas, etc. A criança vive assim num enclausuramento e sob controle do adulto. Em nome do progresso o mundo é transformado e as crianças é que sofrem as maiores consequências no seu desenvolvimento. Num mundo onde desaparecem os contatos com a natureza e a liberdade de brincar e se-movimentar, também diminuem as parcerias para tal, a saber, os amigos, os pais, os educadores e, com isso, uma consciência corporal de si e uma consciência social deixam de promover o verdadeiro potencial humano que cada criança é dentro de si.

As crianças descobrem as coisas por si mesmas, de acordo com o seu tempo, e para isso elas precisam ter experiências corporais de movimento. Elas sabem o que precisam, o que é importante para elas e como fazer isso. A maneira que a criança resolve tarefas é diferente dos adultos, elas precisam de tempo e experiência (Oaklander, 1980). Dessa forma, segundo a autora, a criança já possui o instinto de saber o que é necessário para ela, brincando e se-movimentando ela aprende da sua maneira e do seu jeito, brincadeiras simples, de saltar, imitar animais, desenhar, todas essas atividades possuem um significado para as crianças e elas estão aprendendo a se desenvolver a partir de suas próprias invenções. Nesse sentido, Honoré (2007, p. 300) afirma que

Muitos estudos demonstram que a disponibilidade de tempo não organizado para brincar ajuda as crianças menores a desenvolver suas capacidades sociais e de linguagem, a criatividade e a capacidade de aprender. As brincadeiras improvisadas são o oposto do “tempo de qualidade”, que implica diligência, planejamento, horários e finalidade. Não estamos falando de aulas de balé nem de futebol. A brincadeira não organizada se expressa em atividades como cavar a terra, correr para baixo e para cima, construir castelos de lago ou simplesmente ficar olhando pela janela. É uma questão de explorar o mundo e a reação que se tem diante dele, no ritmo de cada um. Para um adulto acostumado ao aproveitamento neurótico de cada segundo, brincar improvisadamente parece uma perda de tempo. E nosso primeiro reflexo é encher os espaços “vazios” da agenda com atividades prazerosas e enriquecedoras.

Dessa forma, o autor acima colabora afirmando que as brincadeiras não organizadas como “cavar a terra”, “correr para baixo e para cima” são a melhor

forma da criança conhecer e explorar o mundo no seu ritmo. Ele ainda comenta que a disponibilidade de tempo não organizado para a criança brincar ajuda a desenvolver sua linguagem, criatividade, e a capacidade de aprender. Porém, para os adultos essas brincadeiras parecem perda de tempo, e sua atitude é encher a agenda dos filhos com atividades “enriquecedoras” e “úteis”. Assim, é fácil perceber que a criança não tem tempo de brincar e se-movimentar livremente e muito menos fantasiar, imaginar e criar seus próprios brinquedos, pois eles são ofertados facilmente nos dias de hoje pela indústria do brinquedo ou de parafernália eletrônicas que podem ser usadas para o brincar de crianças. Nesse mesmo sentido, para o pensador Rousseau (2014, p.91),

A natureza quer que as crianças sejam crianças antes de serem homens. Se quisermos perverter essa ordem, produziremos frutos temporões, que não estarão maduros e nem terão sabor, e não tardarão em se corromper, teremos jovens doutores e crianças velhas. A infância tem maneiras de ver, de pensar, de sentir que lhe são próprias; nada é menos sensato do que querer substituir essa maneira pelas nossas.

O autor propõe em sua obra “Emílio”, que as crianças possam ser elas mesmas sem imposições dos adultos. Para ele a infância é uma fase própria das crianças, e estas possuem suas próprias maneiras de agir e pensar e devem ser respeitadas. E, dessa forma, não se deve reverter a ordem estabelecida da natureza. O autor valoriza a qualidade das vivências e não a quantidade, e nos aponta, “[...] o homem que mais viveu não é o que contou maior número de anos, mas aquele que mais sentiu a vida” (ROUSSEAU, 2014, p.16).

A fase da infância possibilita à criança se descobrir como ser humano capaz de aprender sobre as coisas, e no brincar ela realiza isso, e essa fase ainda é fundamental para ela se tornar um adulto consciente, capaz de formar sua própria opinião. A criança não tem nenhuma intenção ao brincar, ela simplesmente brinca, por prazer, alegria e diversão. Não importa onde, quando ou com quem, ela simplesmente é fantástica, tudo vira fantasia, grandes descobertas, e a imaginação cria e recria qualquer coisa. Para Kunz e Costa (2015, p. 25), “no brincar também são exploradas as formas de criação e invenção”.

As brincadeiras das crianças se desenvolvem pelo seu emocionar nas relações que estabelecem com o mundo, com os outros e consigo mesmas. Por isso é sempre uma atuação do presente sem perspectivas para o futuro e sem intencionalidade a não ser o prazer de brincar. Não são as atividades motoras pura e simplesmente e suas formas e intensidades de realização que são importantes na brincadeira da criança, mas sua vivência subjetiva. (KUNZ; COSTA, 2015, p.15).

Segundo Costa (2011, p.8), “a melhor forma de entender as crianças é inserir-se nesse mundo infantil, que também já foi nosso, desde que estendamos que fomos crianças e que muito delas existe dentro de nós”.

Percebi agora que aprendi a trabalhar com crianças com as próprias crianças, inclusive comigo mesma quando criança! Agora isso me parece óbvio, quase elementar demais para ser escrito. As crianças são os nossos melhores mestres. Elas já sabem como crescer, como se desenvolver, como aprender, como expandir-se e descobrir, como sentir, rir, chorar, enfurecer-se, o que está certo para elas e o que não está certo para elas, o que necessitam. Elas já sabem como amar e ser alegres, como viver plenamente a vida, como trabalhar e ser fortes e cheias de energia. Todas elas (bem como as crianças dentro de nós) precisam de tempo e espaço para fazê-lo. (OAKLANDER, 1980, p.354).

Segundo Kunz (2002), quando os adultos sequestram a infância, as crianças perdem noção do que dá textura e significado à vida humana, bem como as pequenas aventuras, os passeios, os momentos de alegrias, tristezas e também de descobertas. Como efeito disso, Honoré (2009) afirma que a infância moderna parece estranhamente agradável, cheia de ação, realização e consumo, mas de alguma forma vazia e falsa.

KUNZ (2017, p. 132) ainda ressalta que

[...] crianças são mais ou menos como sementes, precisam encontrar solo fértil, precisam de alguns ingredientes indispensáveis para “germinar” e, assim como a água é para a planta, o brincar e se-movimentar é para a criança, ingrediente indispensável para sobreviver. O apressamento, mesmo prodigioso, pode ser catastrófico também no futuro.

Dessa forma, o conceito de “Brincar e Se-movimentar”² da criança, ao longo desse trabalho, será de extrema e fundamental importância, não apenas para entendermos um pouco mais sobre a educação das mesmas para o desenvolvimento de sua autonomia e emancipação, mas principalmente para chegarmos a entender o centro daquilo que denominamos Ser Criança.

Assim, iniciamos o desenvolvimento desta investigação e estudo com a descrição e apresentação dos caminhos metodológicos adotados para que o trabalho adquirisse forma, estrutura e consistência.

² Kunz (2007) traz ao Brasil o conceito do “Brincar e Se-movimentar”. Explica que o conceito é derivado da concepção teórico-filosófica do Movimento Humano que Kunz chama de “Se-movimentar”. O Brincar, em geral, já vem conceituado na literatura sobre infância, mas, no entendimento dos autores, não abrange todo o envolvimento da criança que brinca de forma livre e espontânea, por isso o uso da expressão “Brincar e Se-movimentar”. Assim sendo, compreendemos que a criança pequena realiza tudo de uma forma brincante, mesmo quando pinta, tenta escrever, ajuda o adulto em alguma tarefa, etc. O “Brincar e Se-movimentar” é o mundo de vida mais essencial da criança.

Na sequência apresentamos uma pequena descrição histórica das crianças, entendimentos e reconhecimentos sociais, culturais e educacionais ao longo da história. Seguimos com capítulos sobre análise crítica da escolarização precoce de crianças e o papel de Creches, para chegar na análise do papel do profissional da Educação Física nestas instituições de ensino. Próxima etapa do trabalho, então, é o início de um aprofundamento teórico sobre as questões centrais da Dissertação, que é o encontro com a teoria do Se-Movimentar, Brincar e Se-movimentar para desembocar no final do trabalho em um entendimento sobre a temática principal que é o Brincar Dançante.

Nas considerações finais voltamos às questões do ensino escolar e das possibilidades e necessidades do Dançar Brincante para reintroduzir a criança no seu livre e espontâneo brincar e se-movimentar, ocorrendo, com isso, a introdução e ampliação, para ela, de um campo existencial que não considera apenas a formação “útil” para o futuro adulto, mas a alegria, o lúdico e o prazer de fazer, pensar e sentir como algo próprio, e não trazido ou apresentado pelos adultos para ser imitado e reproduzido.

2 CONSTRUINDO CAMINHOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS

Neste trabalho foi desenvolvida uma pesquisa teórica, que se constituiu através da apropriação de conteúdos, produções científicas realizadas por diferentes autores em relação ao tema abordado: a criança, o brincar e se-movimentar, e o brincar dançando, a fim de ampliar e construir um novo conhecimento e, assim, contribuir para o desenvolvimento do assunto na formação de novos pesquisadores e da sociedade.

De acordo com Demo (1985, p.23), “a pesquisa teórica é aquela que monta e desvenda quadros teóricos de referência”. Para ele, esse tipo de pesquisa requer uma profunda análise dos trabalhos já produzidos sobre o assunto de modo que, com a intervenção do pesquisador, seja possível a construção de novas teorias, o aprofundamento de alguns conceitos e um conhecimento inovador.

Demo (1995, p.13) ainda amplia apontando que “há pesquisa teórica dedicada a formular quadros de referência, a estudar teorias, a burilar conceitos”. Nas entrelinhas fica a elaboração de novos conhecimentos através de teorias já existentes, proporcionando uma articulação entre elas, fazendo com que o pesquisador tire suas próprias conclusões e esteja sempre em movimento, produzindo seu conhecimento criativo.

O autor ainda destaca alguns elementos importantes para a pesquisa teórica,

- a) conhecer a fundo quadros de referência alternativos, clássicos e modernos, ou os teóricos relevantes;
- b) atualizar-se na polêmica, sem modismos, para abastecer-se e desinstalar-se;
- c) elaborar precisão conceitual, atribuindo significado estrito aos termos básicos de cada teoria;
- d) aceitar o desafio criativo de prepor a realidade à fixação teórica, para que a prática não se reduza à "prática teórica", e para que a teoria se mantenha em seu devido lugar, como instrumentação interpretativa e condição de criatividade,
- e) investigar na consciência crítica, que se alimenta de alternativas explicativas, do vaivém entre teoria e prática, dos limites de cada teoria. (DEMO, 1990 p. 23).

Portanto, aprofundar um campo teórico para dialogar com diferentes autores e ideias exige uma capacidade crítica e inovadora para, a partir dos mesmos, formular novos conceitos e conhecimentos sobre o contexto estudado.

Marques (2006) nos traz que fazer pesquisa é buscar coisas novas, diferentes e verdadeiras, é compartilhar conversas com autores diferentes, proporcionando o começo de novos horizontes e saberes. Sendo assim, partimos de um diálogo com

autores diversos, a fim de reestruturar ideias, conhecer, descobrir um pouco do mundo da criança.

Faz-se necessário, nestes primeiros apontamentos, enfatizar novamente os objetivos desse trabalho de pesquisa, que é: investigar, pela literatura, a opressão cotidiana de crianças para se tornarem adultos produtivos, e a possibilidade de perda gradativa de uma de suas necessidades vitais que é o brincar e se-movimentar de forma mais livre e plena, e se um “brincar dançante” poderá resgatar e reintroduzir a criança nesse mundo do brincar e se-movimentar. Mais especificamente buscamos e discutimos, na literatura, aspectos da vivência das crianças em seu cotidiano e a opressão que sofrem, por parte dos adultos, pela escolarização precoce: a criança ainda tem tempo para brincar livremente? Quais suas possibilidades de brincar e se-movimentar? E também investigamos perspectivas para introduzir na Educação Infantil o “brincar dançante”, ou seja, o brincar e se-movimentar da dança pela dança.

Sendo assim, nesse primeiro momento recorreremos ao Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, onde foi feita uma busca refinada sobre o tema em questão. Primeiramente, foi definido o ano da publicação dos trabalhos de 2014 a 2016, em seguida, a área da Educação Física, e a palavra chave para a busca, “brincar”. Desta busca foram encontrados apenas 19 trabalhos, entre eles dissertações e teses sobre o assunto.

Com essa proposta metodológica, temos como referência alguns autores sobre o tema criança e o brincar, como Kunz, Maturana e Verden-Zöller (2004), Oaklander (1980), entre outros que serão utilizados para desenvolver e servir de base para a pesquisa. Entretanto, é importante destacar a dificuldade encontrada na pesquisa devido ao fato de haver poucos estudos sobre o brincar e se-movimentar, o brincar dançante e a criança na perspectiva que visa entender o mundo da criança a partir dela mesma, e não de uma visão adulta, o que normalmente ocorre nas pesquisas às quais temos acesso.

3 CONCEITOS HISTÓRICOS SOBRE A CRIANÇA

No decorrer da história é possível perceber que a criança vem passando por diferentes fases e entendimentos. Na sociedade atual, a criança e seu processo de desenvolvimento estão em evidência, novos desafios e exigências têm surgido, e padronizar a criança parece ser uma necessidade, pois ainda são vistas formas de intervenção que podem ser aplicadas a todas elas. Conforme exposto, a concepção sobre criança evoluiu, passou por diferentes mudanças e entendimentos, e, dessa forma, a relação entre adultos e crianças também se modificou. De acordo com Souza (2015, p. 21),

A relação da criança com o adulto é resumida por Merleau-Ponty (2006) de dois modos: a) A criança considerada como não essencial; e b) A criança considerada como essencial. O primeiro modo “é a criança antiga. Velhas concepções de uma educação autoritária. A criança é considerada como um rudimento do adulto” (MERLEAU-PONTY, 2006, p.464), e o segundo diz respeito à criança como figura central da família.

Embora muitos costumes tenham sido modificados em nosso cotidiano, temos que concordar com Le Goff (1980, p.11), que “o passado não está apenas no passado”. Uma família do século XXI tem uma relação diferente entre pais e filhos em relação a uma família do século XIX, mas mesmo assim pode preservar alguns costumes parecidos. No Egito Antigo por exemplo, e em tantos outros lugares, o filho era obrigado a seguir a profissão do pai. Nos dias de hoje, acontecem vários casos onde os pais querem escolher a profissão que seus filhos devem seguir, às vezes os filhos são obrigados a trilhar a mesma profissão do pai ou da mãe. Os dois casos são diferentes, mas a semelhança ocorre se pensarmos que o indivíduo não pode escolher em nem uma das situações o que realmente gostaria como profissão (Souza, 2015, p.22).

Compreender a evolução e a relação entre crianças e adultos desde o princípio é necessário para compreendermos o contexto atual, o modo como estão as relações nos dias de hoje. Para tanto, optamos em relatar, a seguir, alguns fatos históricos que julgamos necessários sobre a concepção de criança, perpassando por diferentes momentos da antiguidade até os dias de hoje, a fim de mostrar que a criança sempre passou por julgamentos culturais e sociais em cada fase da civilização.

Veyne (2009 apud SANTOS, 2015), em relação ao princípio da civilização humana, relata que o nascimento de uma criança no Império Romano dependia da aceitação do chefe da família. O recém-nascido que o pai não pegasse nos braços e erguesse acima da cabeça (aceitação) era deixado diante da casa ou lugar público, para quem quisesse pegá-lo. Os pobres abandonavam os filhos quando não tinham condições para alimentá-los. Os ricos também abandonavam, mas por casos de conflitos de testamento. Essas crianças ou eram adotadas por alguém ou morriam.

Depois do nascimento, a criança aceita era entregue à *nutriz*, que tinha o caráter de babá. Ela tinha a função de educar e amamentar a criança até a puberdade, com o auxílio de um pedagogo, ou seja, aquele que conduzia as crianças a lugares onde podiam aprender para a vida, igreja e escola. De acordo com Veyne (2009 apud SANTOS, 2015), os dois orientavam os estudos e deveres das crianças, e também as brincadeiras e entretenimentos. O autor ainda afirma que muitas crianças pobres, sem preceptor como as ricas, tiveram educação escolar. Antes dos 12 anos, as crianças romanas frequentavam as escolas, tanto meninos como meninas. Todavia, depois dos 12 anos de idade somente meninos privilegiados continuavam os estudos, pois nessa idade as meninas já deviam se preparar para o casamento.

Para tratar do assunto criança e infância, recorreremos também a Philippe Ariès (1981) que, em sua obra “História social da criança e da família”, sistematiza a história, teorias e práticas sobre o tema em questão. Segundo o autor, é possível entender que a infância é uma classe da modernidade, e que não pode ser entendida fora da história da educação, das relações e da família.

De acordo com Ariès (1981 apud CUNHA; GONÇALVES, 2015, p.15), a infância, por muito tempo, ficou caracterizada pelos altos níveis de mortalidade das crianças, e a forma indistinta dos adultos era manifestada nos trajes, nos brinquedos, na linguagem, mostrando que as crianças não possuíam nenhuma identidade antes da vida adulta, e não eram separadas desse mundo. “Eram consideradas um adulto em miniatura e ao mesmo tempo eram educadas para o futuro”.

Ariès (2012 apud SOUZA, 2015) justifica que o fato dos adultos, na Idade Média, tratarem as crianças como adultos em miniatura se dava porque nesse período não havia uma preocupação com a idade. Segundo o autor, “a preocupação com a idade se tornaria fundamental no século XIX e em nossos dias” (ARIÈS, 2012,

p.108 apud SOUZA, 2015, p.). Essa característica fazia com que as crianças fossem tratadas como adultos em miniatura. Participavam de festas, jogos e da vida em sociedade como se fossem adultos.

Embora Ariès seja uma das maiores autoridades sobre o tema da História da Criança no mundo, é preciso entender que em tempos modernos, pouco analisado pelo autor, essa história se modifica radicalmente, por conta da aceleração da vida da criança para a vida do adulto, e da falta de tempo para ela se desenvolver de maneira mais livre e autônoma.

Kuhn (2017) faz essa crítica ao autor afirmando que, deduzir esse abismo preconizado por Ariès (1981), que separou os séculos que antecedem o XVI da era moderna, é de certa forma uma “simplificação caricatural”. Do mesmo modo, também é contestável o desconhecimento sobre os registros de catecismos e os manuais de confissões publicados, que evocam nada além dos deveres dos pais com os filhos e os deveres das crianças no Regime Francês. (RENAUT, 2002 apud KUHN, 2017).

Santos (2015) destaca ainda que, na Europa medieval, as crianças realmente realizavam atividades como se fossem adultas, mas, conforme Honoré (2009 apud SANTOS, 2015), baseado em Rousseau, essa é uma interpretação errada da concepção de criança da época. Segundo Honoré, essa ideia é exagerada, pois existiam diferenças entre adultos e crianças, apesar de não serem tão definidas como hoje.

De alguma forma existia diferença entre adultos e crianças, o tratamento era diferente. No entanto, o que não existia era a preocupação dos dias de hoje. As altas taxas de mortalidade infantil tornavam a morte das crianças um fato comum para a sociedade na época, por isso se demonstrava pouca preocupação em relação ao crescimento e desenvolvimento das mesmas, mas não total descaso.

A partir do século XVIII, com o início da modernidade, surge um novo modelo de família burguesa, com novos valores, em especial a educação de crianças, que começaram a ser valorizados. Antes as crianças eram cuidadas pela comunidade em geral, e agora passam a ser responsabilidade dos pais. (CUNHA; GONÇALVES, 2015).

A descoberta da infância começou sem dúvida no século XIII, e sua evolução pode ser acompanhada na história da arte e na iconografia dos séculos XV e XVI. Mas os sinais de seu desenvolvimento particularmente numerosos e significativos a partir do fim do século XVI e durante o século XVII. (ARIÉS, 1981 p. 65)

Com o início da modernidade, surgiu o interesse por uma nova educação e formação da criança. E, desse modo, surgiu a escola, como forma de preparar e desenvolver a criança para a vida futura. Postman (1999, p.58) ressalta que, “quando o modelo da infância tomou forma, o modelo da família moderna tomou forma também. O acontecimento essencial na criação da família moderna, como Ariès enfatizou, foi a invenção e depois expansão da escolarização formal”.

O extraordinário desenvolvimento da escola no século XVII foi uma consequência dessa preocupação nova dos pais com a educação das crianças. As lições dos moralistas lhes ensinavam que era seu dever enviar as crianças bem cedo à escola [...]. A família e a escola retiraram juntas a criança da sociedade dos adultos. A escola confinou uma infância outrora livre num regime disciplinar cada vez mais rigoroso, que nos séculos XVIII e XIX resultou no enclausuramento total do internato. A solicitude da família, da igreja, dos moralistas e dos administradores privou a criança da liberdade de que ela gozava entre os adultos [...]. Mas esse rigor traduzia um sentimento muito diferente da antiga indiferença: um amor obsessivo que deveria dominar a sociedade a partir do século XVIII. É fácil compreender que essa invasão de sensibilidades pela infância tenha resultado nos fenômenos hoje melhor conhecidos do malthusianismo ou do controle da natalidade. Este último surgiu no século XVIII, no momento em que a família acabava de se reorganizar em torno da criança e erguia entre ela mesma e a sociedade o muro da vida privada (ARIÈS, 1981, p. 195).

As escolas para educação infantil foram consideradas necessárias, e assim tornaram-se um direito das crianças. Isso aconteceu porque os estudos sobre o desenvolvimento das crianças proporcionou aos pais, professores e responsáveis uma noção do que seria necessário em cada fase de vida da criança, destacando os estímulos necessários para cada período. Gondra e Garcia (2004 apud SANTOS, 2015) destacam que a organização da vida por etapas, estágios, auxiliaram na construção de uma vida com tentativas de regular as experiências das crianças através da escola. Nesse sentido, a preocupação com as crianças se tornou maior, e o controle no seu desenvolvimento também (SANTOS, 2015).

A partir disso, diversas pesquisas surgiram, diferentes propostas colocando a criança em evidência, salientando principalmente a educação para as mesmas como algo necessário e decisivo para o seu desenvolvimento. As escolas começaram a refletir o que a sociedade esperava das crianças, uma reprodução da vida social (SANTOS, 2015).

Persiste ainda nos dias de hoje, segundo algumas teorias, uma “via de mão dupla” que é essencial para a condição de ser-criança: de um lado a necessidade da criança ser escolarizada cada vez mais cedo, para assim interagir e se humanizar e,

de outro lado, que a criança precisa ser estimulada no desenvolvimento de suas funções cognitivas, motoras e afetivas (KUHN, 2017).

Para finalizar, recorremos a Heij (2006, p.), em uma longa citação que extraiu de Praasma (autor holandês), sobre os valores papel da escola em todos os tempos, como segue,

“Com o surgimento da Escola a tarefa pedagógica da mesma já começa a apresentar o seu teatro. A introdução da criança ao conhecimento não é nenhuma tarefa neutra. A introdução delas no Conhecimento significa dizer que, contamos/falamos a elas como pensamos, como e que mundo se relaciona com elas e com tudo o resto que tem a ver com ela e seu mundo. Mas, falamos a elas também de mundos e de povos estranhos, de como se vivia antigamente, das muitas plantas e animais e como convivem, das leis da natureza e de combinações químicas, enfim, de linguagens e culturas. Assim, procuramos ajudar as crianças a se orientarem no mundo. O mundo como ele aparece em nossos contos, como ele se configura em nossa aula, certamente não pode ser uma cópia fiel da Realidade. Nós agrupamos certos fenômenos, estabelecemos relações entre eles e a utilidade de certos fenômenos ganha prioridade enquanto outras coisas são relegadas ou até suprimidas, resumindo, nós trazemos uma Estrutura para a Realidade. E é justamente por isso, porque nós estruturando a Realidade, ela se torna para nós como para nossas crianças (alunos) acessível e manipulável. A realidade se torna uma realidade compreensível, onde encontramos referências certas para nossa orientação no mundo. De outro modo, isso quer dizer que sempre é a nossa visão de mundo que vence e permanece. Esse saber portanto permite concluir sobre nossas crenças, de como o mundo se encontra estruturado, e tudo o que para nós é importante, portanto, deve ser importante também para as crianças. Transparece assim claramente, para as crianças, como lidamos com o mundo. Conhecimento não é apenas descrição, mas de certa forma também avaliação da realidade. Conhecimento – assim também é possível dizer – é sempre intencional. Ele denuncia algo sobre nossos valores e normas bem como sobre nossas intenções.”! (PRAASMA, 2000: 2)

Com isso, procuramos situar um pouco melhor a criança na história e suas relações com o mundo. Por influência de adultos, com o avançar do tempo até os dias de hoje, as crianças, na verdade, não foram libertadas para serem elas mesmas, mas, cada vez mais oprimidas para serem o que o mundo espera delas, pela influência de pais e professores especialmente.

Desta forma, é necessário analisar com um pouco mais de abrangência e profundidade, com autores/pesquisadores da Educação e Infância, como se constitui e funciona a educação de crianças nos dias atuais através das Instituições de Educação Infantil, atualmente mais conhecidas como Creches, mas que já foram chamadas, por influência do Pedagogo Alemão Friedrich Fröbel, criador dos conhecidos “Kindergarten” já em 1840, literalmente “Jardins de Infância”, e assim, em parte, ainda são chamadas no Brasil.

3.1 A CRIANÇA E A EDUCAÇÃO INFANTIL: INSTITUIÇÕES PARA PRIMEIRA INFÂNCIA

Para Kuhlmann (2003), a educação infantil abrange todas as formas de educação da criança, seja na família, comunidade ou sociedade em que viva. Essas relações entre escola, família e infância ocorrem por meio de processos sociais. Por outro lado, o autor realça que há outro conceito para a educação infantil, mais específico, que seria o da Constituição Federal Brasileira de 1988. Essa lei refere-se à educação infantil como uma categoria própria das organizações educacionais para crianças de 0 a 6 anos de idade. Em 2013, essa lei sofreu alterações e a educação infantil passou a ser a primeira fase da educação básica, tendo como propósito o desenvolvimento integral da criança até 5 anos de idade, juntamente com a educação exercida pela família.

Essas instituições surgiram no século XIX, de acordo com Kuhlmann (2003), como forma de regular a vida social da Europa. Antes a educação das crianças ocorria em casa e na sociedade. O que era ensinado na maioria das vezes era em relação a sua posição social e também ao sexo da criança. Gadotti (2008, p.) contribui apontando que, “Na comunidade primitiva a educação era confiada a toda a comunidade, em função da vida e para a vida: para aprender a usar o arco, a criança caçava; para aprender a nadar, nadava. A escola era a aldeia”. Era habitual, na antiguidade e na idade média, que os filhos aprendessem com os próprios pais os seus ofícios.

Conforme exposto anteriormente, antes de surgirem as escolas de educação infantil semelhantes às que temos hoje, surgiram as escolas da Idade Média e da Antiguidade. Essas escolas, segundo Ariès (2012), serviam como orfanatos para os estudantes pobres, o objetivo não era ensinar conteúdos específicos como acontece nas escolas de hoje, e sim reproduzir condutas de vida religiosa. Somente no século XV as instituições tornaram-se de ensino. Porém, na Idade Média, as aulas nos colégios eram realizadas em conjunto, jovens, crianças e adultos, todos na mesma classe, portanto a educação era a mesma para crianças e adultos. O colégio, naquela época, exercia o papel de vigiar os jovens, e o mais importante era o que o aluno sabia, e não a idade que ele possuía. De acordo com Ariès (2012, p.), “prestava-se mais atenção ao grau que à idade”. Mais tarde, no século XVII,

começaram a separar as crianças dos jovens e adultos. Segundo o mesmo autor, essa separação era considerada necessária e acabou acontecendo na prática.

Em tempos atrás, era normal as escolas utilizarem recursos muito rígidos. As crianças sofriam punições severas, principalmente agressões físicas, pois se acreditava que essas medidas eram disciplinares, e que tornariam as crianças adultos de bem. Conforme aponta Aranha (2006, p.126),

A fim de proteger as crianças de “más influências”, propôs-se uma hierarquia diferente, submetendo-as a severa disciplina, inclusive a castigos corporais. A meta da escola não se restringia à transmissão de conhecimentos, mas à formação moral. O regime de estudo era de certo modo rigoroso e extenso.

A ideia de criança como ser frágil, inocente, justificava essas ações. Era preciso aprender a ser como adulto, mesmo que para isso fosse preciso usar a força. Embora existissem críticas ao uso de violência, essas ações eram realizadas da mesma forma.

Com a Revolução Industrial no século XVIII para o século XIX, as instituições para cuidar das crianças foram imprescindíveis e acabaram se consolidando. As mulheres começaram a trabalhar e, dessa forma, as crianças que ficavam sob os cuidados das mães precisavam de outro lugar para permanecer enquanto elas estavam trabalhando. Desse modo, a Revolução Industrial é caracterizada como um marco na criação das instituições de educação infantil. Com as mudanças causadas pela Revolução Industrial em todo o mundo, o atendimento a crianças de 0 a 5 anos tem origem em instituições especializadas. As mulheres deixam seus afazeres domésticos para ingressar no mundo do trabalho.

A infância encarada como fraqueza que necessita da humilhação para ser melhorada cede lugar à ideia de a criança precisar ser preparada para a vida adulta, preparação que exige cuidados e uma formação com disciplina rigorosa e efetiva, sem as surras de antigamente, mas ainda recorrendo a castigos corporais mais suaves. Com isso, a importância moral e social da educação aumenta e a formação metódica da criança em instituições especializadas é adaptada às novas finalidades. A infância, então, acaba sendo prolongada até quase toda a duração do ciclo escolar. (Prizskulnik, 2012, p. 13)

De acordo com Bujes (2001), o surgimento das instituições de educação infantil teve relação com o surgimento da escola. Entre os séculos XVI e XVII, a escola trouxe um conjunto de possibilidades: desenvolvimento científico, o surgimento de novos mercados, a invenção da imprensa que permitiu o acesso à leitura, e também o surgimento da Revolução Industrial que trouxe consigo uma

nova concepção de educação e de criança, essa última passou a ser protagonista desse novo cenário. Nesse momento, ocorreram mudanças de atitudes em relação à compreensão da natureza de criança pela família.

O que se pode perceber é que existiram para justificar o surgimento das escolas infantis uma série de ideias sobre o que se constituía uma natureza infantil, que, de certa forma, traçava o destino social das crianças (o que elas viriam a se tornar) e justificava a intervenção dos governos e da filantropia para transformar as crianças (especialmente as do meio pobre) em sujeito úteis, numa sociedade desejada, que era definida por poucos. De qualquer modo, nos surgimentos das creches e pré escolas conviveram argumentos que davam importância a uma visão mais otimista da infância e de suas possibilidades, com outros objetivos do tipo corretivo, disciplinar, que viam principalmente nas crianças uma ameaça ao progresso e à ordem social. (Bujes, 2001, p. 15)

Nesse mesmo sentido, Kuhlmann (2001) revela que as instituições de educação infantil surgiram de interesse de médicos, religiosos, políticos, e assim surgiram escolas com outros objetivos: desenvolver a educação religiosa, moral, conhecimento nas letras, entre outros. O que podemos ver é que a educação infantil que visa à educação integral da criança só surgiu mais tarde.

Por volta de 1840, surgiu na Alemanha, com Friedrich Fröbel, uma das primeiras instituições de educação infantil com objetivos de desenvolver a criança de forma integral. Fröbel é conhecido como criador do “Kindergartens” (jardins-de-infância). Na época, a ideia de desenvolvimento infantil que prevalecia nesses espaços era de que a criança está relacionada aos aspectos biológicos importantes para o seu crescimento e desenvolvimento. Por isso prevalecia na sua proposta a importância da criança ter contato com a música (canto), o dançar e o brincar, pois através destas atividades ela teria mais possibilidades para se desenvolver plenamente.

As instituições para atender crianças pequenas surgiram por volta do século XIX, nos países europeus e norte-americanos. Com a ideia de que a família é o melhor lugar para educar as crianças, essas instituições tiveram um caráter assistencialista, pois as mães que deixavam seus filhos sob o cuidado de outras pessoas precisavam trabalhar (HADDAD, 1993 apud SANTOS, 2008).

Da mesma forma que Ariès, Kramer (1992 apud SANTOS, 2008) afirma que as crianças eram consideradas adulto em miniatura, por usarem as mesmas roupas dos adultos e realizarem atividades semelhantes. E, pelas condições de vida precárias da Idade média, os índices de mortalidade infantil eram grandes. Com os avanços científicos a partir do século XVI, a expectativa de vida aumenta e a

mortalidade infantil cai. Começa aí uma preocupação com a criança, e duas concepções são enunciadas: uma considera a criança ingênua, pura, inocente, sendo o sentimento de proteção para com elas; e a outra considera a criança um ser imperfeito, incompleto e que precisa ser dominado (KUHLMANN, 2004 apud SANTOS, 2008). Surgem então as primeiras propostas de Educação Infantil visando, sobretudo, o preparo para uma atuação no futuro.

É a partir do século XVIII que as primeiras Creches, Instituições de Educação Infantil, começam a surgir na Europa com o objetivo de cuidar dos filhos enquanto suas mães trabalhavam. Entretanto, somente após a Segunda Guerra Mundial, o atendimento em Creches, torna-se uma preocupação, pois as mulheres se inserem cada vez mais nas fábricas e indústrias. O interesse pela criança, por seu desenvolvimento, sua linguagem, alavancou os estudos sobre novos métodos e pedagogias para crianças pequenas (KUHLMANN, 2004 apud SANTOS, 2008).

As primeiras Creches no Brasil foram implantadas efetivamente no início do século XX, com cunho assistencialista, e seguiram uma linha oposta ao modelo Europeu, onde o atendimento de 3 a 6 anos (pré-escola) antecedeu e deu origem ao atendimento de 0 a 3 anos. No Brasil, as pré-escolas e jardins de infância foram fundados posteriormente às Creches.

As primeiras instituições do gênero surgiram no final do século XIX, no Rio de Janeiro, em 1875, e em São Paulo, em 1877. De cunho privado, os Jardins de Infância seguiram o modelo froebeliano, servindo às elites brasileiras como forma de preparar as crianças para o ensino futuro, “Escola Normal”. (KUHLMANN, 2004 apud SANTOS, 2008).

Segundo a legislação Brasileira, a Educação Infantil obteve muitas conquistas nas últimas décadas, considerando a criança como um sujeito de direitos. A Constituição Federal de 1988 reconheceu a educação de crianças de zero a seis anos como direito do cidadão e dever do estado, ressaltando seu caráter educativo e não mais assistencial. Esses direitos foram regulamentados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei Federal 8. 969, de 13 de julho de 1990), explicando todos os direitos da criança e do adolescente.

A Lei das Diretrizes e Bases da Educação (Lei Federal 9.394, de 20 de dezembro de 1996) define a Educação Infantil como a primeira etapa da Educação Básica (art. 21/I), e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os

seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, agregando a ação da família e da comunidade (art. 29).

Através dessa retrospectiva histórica, podemos perceber que a educação infantil surgiu de um caráter assistencialista à saúde e preservação da vida, não se relacionando com o fator educacional. Esse fator é importante, pois ocorrem as discussões entre o cuidar e o Educar. De um lado encontram-se as instituições que priorizam o cuidar, que está relacionado à forma física, higiene e alimentação, de certo modo ainda presente em nosso meio, e, do outro lado estão as instituições educacionais (a grande maioria), que promovem a escolarização precoce das crianças, com atividades disciplinares, alfabetização e numeração, inglês, entre outras, como formas de preparar o aluno para a escolarização superior e garantir um futuro promissor.

De acordo com Bujes (2001), sempre que houver uma confusão em relação aos papéis atribuídos à família e à escola, quem sofre as consequências é a criança. A Educação Infantil é uma fase importantíssima, e a forma como acontece traz consequências marcantes para a vida dos educandos. O educar e o cuidar fazem parte do processo educacional e ocorrem de forma simultânea por serem processos complementares um ao outro. A educação infantil é um espaço de descoberta de mundo para as crianças, e a forma como é desenvolvida tem enorme influência sobre o futuro das crianças.

Como podemos perceber, a criança desde muito tempo está inserida em uma sociedade que tem necessidade de escolarizá-la. As instituições infantis já existem há muitos anos, e hoje em dia é cada vez mais cedo a entrada da criança nesses estabelecimentos. Sendo assim, ela não tem o seu próprio tempo para se descobrir como ser humano que aprende com suas brincadeiras, está sempre sobrecarregada de obrigações, desde cedo. Em vista disso, no capítulo a seguir, trataremos sobre a Escolarização Precoce das crianças, onde elas não têm “tempo para brincar livremente”, pois acreditamos que esse tempo é muito importante para a formação pessoal, social e emocional das mesmas, onde elas aprendem a ser adultos comprometidos e saudáveis.

4 ANÁLISE CRÍTICA DAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL E A ESCOLARIZAÇÃO PRECOCE DE CRIANÇAS

Nos dias de hoje, com a velocidade que o mundo se move, e com ele, as coisas, os conhecimentos e as pessoas, todo tempo é muito precioso e precisa ser bem aproveitado. O que mais se ouve são pessoas dizerem que “estão sem tempo”, ou que o tempo para elas “passa voando”. Nossos avanços tecnológicos, meios de comunicação, celular e internet, onde a informação circula rapidamente, contribuem muito para esse escoar rápido do tempo. O tempo para viver é substituído pelo tempo para trabalhar e tudo o que é relacionado a ele. Este mundo e este tempo também são transferidos muito cedo para a vida e o mundo de crianças. Portanto, elas também não encontram mais tempo para viver, viver a vida delas, que deveria se resumir no brincar e se-movimentar.

Os pais com rotinas de trabalhos exaustivas não veem outra solução a não ser colocar seus filhos em creches, onde eles passam a maior parte do seu tempo. Essa situação nos faz pensar, qual é o papel da creche? Alfabetizar, escolarizar ou simplesmente proporcionar um ambiente de socialização, com um ativo auxílio ao seu desenvolvimento, para que a criança possa ser criança e aproveitar o seu tempo brincando e se-movimentando?

A preocupação com o futuro dos filhos, hoje em dia, está voltada à produção e obrigações precoces, onde desde cedo a criança é cobrada para realizar tarefas cada vez melhor e mais depressa. Assim, elas passam a ser as vítimas desse sistema, e amadurecem antes do tempo, perdendo sua capacidade de brincar, imaginar e criar. Concordamos com Surdi (2014, p.128), quando afirma que,

A preparação para o futuro neste mundo tomado pela objetividade e pela produção é direcionada para as obrigações precoces. Desta forma, as crianças são as vítimas e acabam por envelhecer prematuramente, perdendo sua espontaneidade, sua capacidade de brincar e seu impulso criativo. Esse processo ocasiona uma renúncia à percepção do mundo vivido – fundamental para o entendimento do sentido da vida – e um direcionamento para o mundo da ciência que já está pronto e estabelecido, bastando apenas seguir certos padrões de conduta criados cientificamente.

Diante disso, o ambiente físico, social e cultural, onde a criança prematuramente é forçada a permanecer, é a escola, pois os pais precisam trabalhar, e deixam seus filhos sob o zelo da instituição. Vale analisar em que momentos a criança pode brincar livremente sem a interferência do adulto. Essas

intromissões na vida das crianças acabam limitando o seu brincar, pois elas têm hora para tudo, com tempo limitado, o que pode acarretar em sérios problemas para a sua saúde futuramente. Estudos mostram que muitas crianças já sofrem de depressão, diabetes, obesidade, hiperatividade, e outras. Destaca-se aqui o que observa Honoré (2009), citado por Kunz e Costa (2015), onde alerta que, hoje, uma em cada cinco crianças sofre de algum distúrbio psicológico, e a estimativa é que daqui a alguns anos a doença mental será uma das maiores causas de mortes entre crianças e jovens. O autor ainda traz um dado alarmante: “1 milhão de crianças norte-americanas estão engolindo antidepressivos com o leite que tomam antes de dormir” (HONORÉ, 2009 apud KUNZ; COSTA, 2015, p.30).

As crianças estão sendo colocadas na escola cada vez mais cedo, e está se apressando seu desenvolvimento para o mundo dos adultos, há uma preocupação exagerada com o seu futuro. Muitas vezes, elas não têm tempo de brincar e se-movimentar por estarem sob pressão dos professores, que estão sempre com uma atividade programada para ser desenvolvida.

Nas escolas de Educação Infantil, são elaboradas atividades programadas através de um cronograma. O tempo para a realização das atividades é cronometrado, e as crianças vão de uma atividade para outra. Essas atividades são impostas para as crianças, e são colocadas como a “hora de..”. (KUNZ; COSTA, 2015, p.27). É fato que as crianças precisam dos adultos para o seu desenvolvimento, o que estamos analisando é a excessiva participação do mesmo, que acaba apressando o desenvolvimento das crianças com o intuito de formar adultos mais preparados. Algumas implicações podem ser percebidas em crianças cada vez mais obesas, estressadas, sem disposição e sem vontade para realizar suas atividades.

A rotina das crianças está voltada para “hora de dormir”, “hora de comer”, “hora de desenhar”, “hora de aula”, e a “hora de brincar”, que geralmente se resume à hora do recreio, é sempre a hora mais esperada, onde as crianças podem brincar livremente, sem preocupações, se sentindo livres e independentes. Muitas destas crianças só possuem o espaço da escola para brincar, já que grande parte delas mora em apartamentos, sem pátio e lugar para correr, saltar e se-movimentar, ou em cidades movimentadas, onde está cada vez mais perigoso sair na rua ou no parque, e assim fica difícil encontrar um lugar tranquilo e com segurança para brincar. Por

isso, na maioria das vezes, as atividades praticadas por elas quando estão em casa se resumem principalmente a olhar TV e jogar videogame.

A creche deve ser um ambiente aberto para que as crianças se sintam crianças de verdade, e façam o que sabem fazer de melhor, ou seja brincar e se-movimentar. Kunz e Costa (2015, p.28, grifos dos autores) reforçam e afirmam um “*não à Escolarização Formal e eliminadora da vida infantil na criança e sim por um ativo e inteligente acompanhamento de todo seu processo de desenvolvimento*”, priorizando o “Brincar e Se-movimentar”.

KUNZ (2017, p. 131) ainda reafirma a vital necessidade de crianças quando aponta que,

Crianças querem e precisam encontrar um fundamento para suas aprendizagens e condutas e para alcançar isso elas devem “descobrir o mundo com suas próprias mãos” e não receber um mundo de “segunda mão” pelos adultos. Exigências simples que ocorrem todo dia na relação de adultos com crianças, pais e professores, podem infelizmente atrapalhar todas essas possibilidades de descoberta e desenvolvimento autônomo. “tu não te esforças mesmo pra nada né?”..., “Quantas vezes tenho de dizer ainda, até tu aprender que...”, “Na tua idade e ainda não consegue...”, “Vê se aprende a não...” [...]. Se não bastasse isso, ainda existe uma agenda de atividades formais e institucionalmente legais como a Educação Infantil. Percebe-se que realmente não sobra mais tempo para a criança ser ela mesma. Ainda mais sem tempo para um alegre brincar e se-movimentar.

Enfim, o autor nos traz um assunto que é muito preocupante hoje em dia, que diz respeito à aceleração do mundo, onde todas as atividades sociais e culturais estão sendo influenciadas pelas informações eletrônicas que acontecem rapidamente, de uma maneira acelerada, e a geração jovem se insere nesse mundo facilmente. Essa aceleração já está afetando o sistema educacional, dando maior velocidade a essas instituições. Segundo Kunz (2012, p.26),

Lembro (só pra citar um exemplo mais dramático) de como algumas formas de educação infantil são encaminhadas na maioria das escolas que atendem crianças de zero a cinco anos neste país. É comum ver propagandas dessas escolas oferecendo para alunos e alunas um ensino planejado e sistematizado com aulas de alfabetização, computação, inglês e esportes. Somente uma dessas ofertas, sendo apresentada em forma de ensino organizado, como aula, a essas crianças, já é um exagero, é um roubo da coisa mais valiosa que a criança nessa idade pode ter: sua liberdade de descobrir o mundo, os outros e a si própria por seus próprios recursos e condições.

Kunz e Souza (2015, p.112) ressaltam que muitas escolas de Educação Infantil não possuem um espaço para o brincar que não seja a sala de aula. É importante que a criança brinque com a água, terra, areia, conviva com animais, plantas, que ela possa observar a chuva, construir seus brinquedos, e assim

satisfazer suas vontades e curiosidades. “Além disso o professor, em vez de se preocupar em *passar* conhecimentos, precisa aprender a estimular a pergunta, a dúvida nas crianças e possibilitar o encantamento delas com o mundo”.

Da mesma forma, os autores enfatizam que é natural que as crianças gostem de Se-movimentar. Elas querem subir em árvores, saltar, correr, caminhar, desenhar, dançar, porém na escola ou em casa essas atividades são proibidas. Sendo assim, as crianças fazem outras atividades mais “seguras”, que as deixam quietas, não gerando problemas para os adultos. Lembrando que essa postura de pais e professores deve ser pensada.

Kunz (2012, p. 27) critica estas situações, destacando que

Assim, a criança recebe precocemente, muito antes de ela poder se questionar “Quem sou?”, as referências de mundo dos adultos e é treinada para a assimilação e elaboração de informações na velocidade eletrônica, ou seja, sem tempo para refletir. Tem-se, muitas vezes ainda, a ousadia de falar de uma educação para a autonomia. Essas atividades trazem o signo da “alienação” e não da autonomia; toda responsabilidade, toda autonomia, é atribuição de agentes externos. Forma-se, no sentido hegeliano, “uma consciência infeliz”, ou seja, uma consciência que coloca seu centro fora de si mesma.

Cunha e Gonçalves (2015, p. 26) contribuem dizendo que, ao olhar dos adultos, pais e professores, o brincar é ainda concebido como “perda de tempo”, e como algo que significa quase nada. Eles vão além revelando que “o constrangimento da liberdade para brincar e se-movimentar, fantasiar, imaginar e criar livremente, tem consequências devastadoras na corporeidade da criança”. Estas consequências acarretam uma “aceleração da infância”, e permanecem por diferentes fases da vida da criança provocando ansiedade, stress e transformando as crianças em “adultos em miniatura”, na medida em que são influenciadas pelo ritmo dos mais velhos.

Quando a criança brinca e se movimenta, ela se relaciona e dialoga com o mundo a sua volta porque, naturalmente, entra em contato social com os outros. “Essa relação dialógica da criança com o mundo que acontece através do movimento, no que compete à Educação da criança pequena, demanda muito mais do que o ensino - requer cuidado e envolvimento, brincadeira, arte e sentimento” (SIMON; KUNZ, 2014, p. 376). Educar crianças pequenas exige cumplicidade, não somente a autoridade dos adultos como prática predominante. E, por essa razão, elas precisam de liberdade para brincar e se movimentar, porque é através dessa

linguagem que elas estabelecem as interações necessárias, seja com o outro, com o mundo e consigo mesmas.

Nesse contexto, Oaklander (1980) afirma que as crianças não precisam dos adultos para controlar e determinar suas vidas: elas desejam auxílio para aprofundar e expandir a experiência pessoal e social trabalhando através das dificuldades encontradas no dia-a-dia, sobretudo podendo expressar seus sentimentos. A criança tem em si a imanente propriedade de saber o que deve fazer, e do tempo que necessita para tal. Mas, para isso, é preciso perceber que o tempo subjetivo da criança não pode ser apressado, nem acelerado, tampouco rigorosamente cronometrado, mas fomentado por uma rede de significações que requer uma socialização com pares e adultos de modo intersubjetivo, em alteridade.

Às escolas de Educação Infantil cabe o papel de promover tempos e espaços articulados para escutá-las de corpo inteiro, considerando respeitosamente seus desejos e interesses, ao invés de suprimir a liberdade e esquadrihar os tempos e espaços em rotinas estafantes. Escutá-las de corpo inteiro exige observá-las em todas as suas ações e sentimentos, e em todas as expressões de seus sentidos, principalmente os gestos corporais que configuram, dão forma e representam a linguagem de brincar e se-movimentar.

Somente assim a vida da criança tem sentido, e seus saberes e aprendizagens a serem incorporados serão retroalimentados. A criança precisa, portanto, protagonizar sua própria vida, sendo ela mesma. Mas... elas estão perdendo até mesmo o interesse e a vontade para brincar e se-movimentar, por excesso de atividades úteis para seu futuro, condicionadas que são pelos adultos e suas preocupações com a rápida introdução para o mundo do adulto.

4.1 ORGANIZAÇÃO DO TEMPO: A CRIANÇA À MERCÊ DO TEMPO DO ADULTO

Bom, falar sobre tempo não é uma tarefa fácil, para isso, nesse capítulo, iremos utilizar algumas referências que tratam desse tema. “No século IV, Santo Agostinho ponderava: Quem vem a ser, então, o tempo? Se ninguém me pergunta, eu sei, mas se quisesse explicá-lo a alguém que me perguntasse, simplesmente não saberia” (HONORÉ, 2007, p.101).

Para Staviski e Kunz (2017, p. 45) a percepção que se tem nos dias de hoje é de que “o tempo é um tempo acelerado e que ao mesmo tempo em que ele nos

falta, também nos pressiona”. A expressão “correr contra o tempo” torna-se cada vez mais comum em nosso cotidiano. Dessa forma, concordando com os autores, é comum ouvirmos as pessoas dizerem que estão sem tempo para fazer as atividades do dia-a-dia, o tempo passa rapidamente sem que possamos perceber, quando nos damos por conta já se foi a semana, o mês, e o ano todo. Vivemos em um mundo acelerado, com rotinas exaustivas de atividades que são realizadas ao decorrer do dia, e que às vezes fazem as pessoas sentir necessidade de ter mais tempo.

Para Honoré (2007, p.44),

Vivemos em uma sociedade mergulhada em uma cultura do culto à velocidade que tenta tornar tudo produtivo, encaixando tarefas e mais tarefas em cada hora do dia; não fosse o bastante, é exatamente o culto à velocidade, materializado na exploração e otimização do tempo, que tem movimentado o mundo. O discurso da otimização do tempo tem proporcionado uma das mudanças mais significativas entre os afazeres dos dias de hoje e de um passado não muito distante, qual seja, o desejo crescente pela eficiência.

Os meios de comunicação, internet, computadores possibilitam que as coisas sejam feitas de maneira mais rápida e em menos tempo. Os avanços tecnológicos, aparelhos eletrônicos facilitam a comunicação e a produção. Sendo assim, as pessoas muitas vezes não têm tempo para conversar pessoalmente entre elas, pois conversam por mensagens, e as relações acabam sendo virtuais.

Dentro desse contexto estão inseridas as crianças, que desde cedo já possuem eletrônicos, celulares, tablets e são influenciadas diretamente por esse meio, onde não se tem tempo para simplesmente viver o presente. Se tratando de crianças, as mesmas não têm tempo para brincar e se-movimentar. Muitas são criadas jogando videogame, olhando tv, e não desenvolvem habilidades naturais de crianças que correm, descobrem, e inventam através de brincadeiras livres e espontâneas. Segundo Staviski e Kunz (2017 p.60), e baseado em Oaklander (1980),

O livre brincar da criança pode ser compreendido como o agir espontâneo e sem preocupação com os resultados. O faz de conta e a fantasia são conceitos típicos na vida da criança e também revelam o que ela é e sente no presente da sua existência.

Nesse mesmo sentido, as crianças estão inseridas em uma sociedade onde as pessoas possuem muitos afazeres e preocupações durante o dia, e, com isso, elas são influenciadas diretamente com rotinas de atividades programadas diariamente. Como cita Kuhn (2017, p.98),

Agenda Infantil
Segunda-feira tenho aula de inglês
Na terça-feira curso de computação
Na quarta-feira faço uma terapia
Que me dá muita preguiça
Não tenho problema não
Na quinta-feira dia de ortodontista
Na sexta-feira é minha recuperação
Até no sábado acordar às sete horas
Pra treinar na minha escola
Capoeira e natação
Eu já falei pra minha mãe milhões de vezes
Meu Deus do céu eu não sou relógio não
Eu sou criança e criança nessa idade
Quer brincar bem à vontade
Sem ter tanta obrigação
Eu já falei mamãe mil vezes
Além de tudo tem um monte de lição!
Eu sou criança e criança nessa idade
Quer brincar bem à vontade
Sem ter tanta obrigação (Fábio Esmeraldino)

Parece exagero, mas o texto nos traz algumas situações em que as crianças estão sobrecarregadas com tantos compromissos no seu dia-a-dia. Essas questões provocam a pensar qual é o tempo em que a criança pode brincar e se-movimentar de forma livre, sem interrupção de outras pessoas e do ambiente em que vivem. Segundo Kuhn (2017, p.101), precisamos ficar atentos ao modo como educamos as crianças e suas relações com o tempo, ignorando sua forma natural de aproveitar o tempo sem preocupação com o relógio, e sim com o seu próprio “relógio biológico”, que cada um possui dentro de si, e desse modo, possui o seu ritmo que impossibilita dar respostas padronizadas dentro de um tempo cronológico.

Nos dias de hoje, na sociedade moderna em que estamos inseridos, em nosso modo de vida somos influenciados a pensar e sentir de acordo com uma ideologia industrial e moderna. É um mundo com alta tecnologia, onde todos têm acesso, e não é apenas material, mas também virtual. Os meios de comunicação estão em todos os lugares, e atingem a todos os públicos, dentre eles as crianças. Estas, por muitas vezes, reproduzem no seu modo de agir, pensar e falar, e acabam imitando o que está sendo imposto, sem refletir, criando realidades que provocam uma inculcação de valores e ideias.

A condição normal para o desenvolvimento de consciência social e individual da maioria das crianças está sendo abalada pela tecnologização do mundo. Muitos espaços para movimentos foram substituídos por construções urbanas, máquinas,

automóveis e brinquedos industrializados. A criança vive, então, sob o controle do adulto e do ambiente.

Não é por acaso que a cada ano os celulares, televisores, computadores estão cada vez melhores em relação às suas capacidades, sem falar da internet, sua velocidade e funções a cada dia mais potentes. Este é o progresso onde estamos inseridos, um mundo no qual quem mais sente as consequências no seu desenvolvimento são as crianças. Portanto, a organização do tempo de vida da criança é fortemente marcada por esse ambiente de opressão para o rendimento e presença incontornável de meios eletrônicos.

Suas opções de brincadeiras desaparecem muito cedo, pois os pais e o meio em que estão inseridas se encarregam disso. Desse modo, elas perdem suas características essenciais e necessárias, básicas, como o seu livre brincar e se-movimentar. Sem a liberdade natural para brincar e se-movimentar, a criança perde contatos e parcerias para brincar com amigos, pais, educadores, e dessa forma a sua consciência corporal, social e de mundo não se desenvolve como deveria, e também não se estimula o potencial que cada ser humano tem em si.

Muitos autores confirmam que, em um mundo onde a modernização tecnológica está em progresso, e atinge a todos no seu modo de vida, em especial o mundo de movimentos das crianças, essa transformação de mundo rouba especialmente das crianças o que elas têm de mais precioso: tempo para brincar. Consequências podem ser vistas, como por exemplo, doenças psíquicas. Em 2007 quase 10% da população apresentava distúrbio mental grave, conforme consta no relatório do Congresso Brasileiro de Psiquiatria de 2007. Também nos EUA, conforme Eyer, Hirsh-Pasek e Golinkoff (2006, p. 10), o que mais vem assustando especialistas da Psiquiatria nesse País é o exagerado crescimento, nos últimos anos, do número de crianças e adolescentes “significativamente deprimidas e que nos Estados Unidos chegam a 5% do total de crianças e adolescentes”.

Talvez seja por isso, também, que ocorre, especialmente na população brasileira, a desenfreada busca por formas de amparo, religiosas, em consultórios de psicologia, terapias e literatura de autoajuda. Se as crianças estão perdendo suas possibilidades de brincar livremente, em locais livres, criar seus brinquedos, e só brincam eletronicamente ou com brinquedos industrializados, certamente essas doenças do mundo moderno só irão se agravar.

Dessa maneira, a Educação Infantil de hoje tem essa difícil tarefa de permitir que a criança tenha acesso ao progresso tecnológico, disponível nas instituições educacionais, mas sem reduzir suas chances de brincar e se-movimentar livremente. Do contrário, consequências podem surgir no futuro com doenças que prejudicam a saúde e a vida das pessoas.

Portanto, com o intuito de proporcionar às crianças brincadeiras livres e espontâneas, que as inspirem a imaginar e a fantasiar, propomos a dança como uma opção para um brincar dançante, para que através dela a criança descubra a alegria, a motivação e o prazer de brincar, se-movimentar de forma livre e espontânea.

De acordo com o que já abordamos anteriormente, o assunto tempo e espaço da criança, discutido no trabalho, é importantíssimo para a criança e merece atenção e cuidado, pois ao tratarmos do tema Ser Criança essa temática é imprescindível no momento em que falamos do Brincar e Se-Movimentar.

O Brincar Dançante é considerado, para esse trabalho, a forma mais prazerosa, divertida e atrativa para despertar na criança a inerente necessidade de Se-Movimentar.

Na maioria das creches e escolas existe uma preocupação exagerada com conteúdos e planejamentos para as crianças, sendo frequentemente deixada de lado a atividade em si, que seria a parte mais importante. Segundo Oaklander (1980), a própria creche deve ser um espaço agradável e prazeroso, onde a criança possa vivenciar e aprender de forma ampla. Porém, o que se encontra, na maioria das vezes, é um local onde o desenvolvimento dos alunos é apressado, com o ensino da leitura, escrita e outras atividades planejadas. E assim, não nos damos conta que estamos dedicando pouca atenção às necessidades psicológicas e emocionais das crianças, e, dessa forma, ajudando a criar e manter uma sociedade que não valoriza as pessoas.

Portanto, a creche precisa proporcionar não somente um espaço físico adequado para a criança se desenvolver, um espaço que pode servir de abrigo e tudo o que for necessário, mas também, um lugar que seja visto pela visão da criança, e não do adulto. É imprescindível que este espaço seja claro, com cores brilhantes, vivas e alegres, e com outros meios que encantem e propiciem a criança para que ela possa compartilhar com os colegas e professores o seu mundo, sua maneira de ser, através de todas as formas de contato que ela possui (AGUIAR,

2005). Acrescentaríamos que esse ambiente acolhedor também seja de grande agrado para o ouvido das crianças, portanto, com músicas que possam inclusive estimulá-las a dançar, ou seja, a um Brincar Dançante.

Já mencionamos que a melhor proposta para instituições educacionais de crianças é a de um “auxílio ao ativo desenvolvimento integral da criança”, em lugar de uma educação formal como ocorre atualmente na maioria de nossas Creches. Concordando com Costa (2011, p.57), “é imprescindível também abordar minimamente o tema tempo da criança. Neste sentido, então, é condenável o ajuste do tempo da criança ao mundo organizado do adulto.” É o que podemos perceber diariamente, as crianças estão com o tempo acelerado conforme o tempo dos pais, e cada vez mais cedo estão em escolas e com diversas atividades extracurriculares, pois os pais não têm tempo para ficar com elas e, dessa forma, elas precisam se “ocupar” para que os pais possam trabalhar.

Na Educação Infantil é possível verificar que o tempo da criança sofre uma divisão conforme os “horários das atividades previstas”. Assim, a criança apreende rapidamente o que pode e não pode fazer. Mas, especialmente no livre “Brincar e Se-movimentar” as crianças poderiam ter a oportunidade de encontrar o seu ritmo de tempo sem nunca estar sob pressão de terminar uma atividade rotineira estabelecida pela Instituição ou pelos adultos (Costa, 2011, p.57).

Sobre a organização do tempo da criança, Costa (2011) nos traz ainda a chamada “vagarosidade”, que faz parte e deve ser aceita no trabalho com crianças, pois sabemos que cada pessoa possui seu ritmo próprio e, se tratando de crianças, cada criança precisa do seu tempo e ritmo. Na visão dos adultos, as atividades das crianças são lentas, todavia, a missão deles é auxiliar a criança para que ela possa se desenvolver da melhor forma possível, proporcionando sempre um bem estar, de acordo com o seu tempo necessário para se desenvolver.

Marca de qualidade no trabalho com crianças não é a velocidade com que realizam certas atividades ou o volume de atividades que realizam, mas sim o aproveitamento das ofertas de possibilidades, com um tempo determinado por elas, para construir algo, fazer algo e participar de algo, sempre com alegria e prazer. Observando crianças em suas atividades livres e espontâneas é possível descobrir algo surpreendente para nós adultos: as crianças encontram tempo para tudo. (Costa, 2011, p.57).

Entretanto, enquanto as crianças estiverem inseridas no tempo do adulto, e dessa forma se aproximarem do planejamento e organização deles, estarão correndo um risco gravíssimo de anular a infância precocemente, o que traz consequências para a vida toda. De acordo com a autora, “As crianças de hoje são

excessivamente influenciadas pelo mundo em seu entorno organizado pelo adulto (Costa, 2011, p.57).

Neste sentido, Honoré (2009) nos auxilia destacando que existe uma “pressão” enorme na vidas das crianças pequenas. Estas, cada vez mais cedo, estão sendo atingidas com consequências visíveis e muitas vezes irreversíveis. Por isso, um número cada vez maior de crianças precisa de ajuda psicológica, atividades psicomotoras, tratamento para déficit de atenção, exercícios para postura, entre outras atividades que têm a intenção de recuperar o “tempo” perdido com as atividades normais de uma Creche. As crianças estão sendo conduzidas pelos pais, para várias atividades paralelas à escola, como música, balé, aprender línguas diferentes, computação, entre outras. O “Brincar e Se-Movimentar” é visto como “desperdício” de tempo sem objetivos pré-estabelecidos.

Inserir a criança precocemente à pedagogização, terapias para corrigir seus “defeitos” (psicológicos/físicos), é preocupação exagerada com o futuro das crianças, o que faz com que percam o seu tempo presente. O que pode significar não um auxílio ao desenvolvimento da criança, e sim um empecilho de desenvolver uma vida com sentido para a criança e seu futuro. Para Costa (2011, p.58), “As crianças não pensam no futuro, elas vivem o presente e precisam de tempo para isso. Mas é com o tempo dela e não com o tempo do adulto”.

O espaço um pouco abrangente que utilizamos, para falar de tempo e da falta de tempo da criança, tem um significado muito especial para esse trabalho, já que a perda de “interesses” das crianças pelo Brincar e Se-Movimentar é resultado da ocupação de “seus tempos” de Ser Criança pelos adultos, com a preocupação de torná-las úteis e produtivas para um futuro promissor em suas vidas. Portanto, é preciso que elas reencontrem esse tempo precioso para Brincar e Se-Movimentar, que pode ser possibilitado por um Brincar Dançante, como aqui pretendemos.

4.2 EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL, EXISTE ESPAÇO PARA O PROFISSIONAL DESTA ÁREA NESTE ÂMBITO ESCOLAR?

A Educação Física como disciplina na Educação infantil está relacionada a instrumentalizar o “aspecto motor”, no que lhe diz respeito, levaria a uma melhoria no “aspecto cognitivo” da criança. De um lado, temos a concepção de psicomotricidade e a teoria do desenvolvimento/aprendizagem que, de acordo com

Bracht (1999), provocou uma forte psicologização da Educação Física. De outro, temos a recreação, que privilegia as práticas “espontâneas”, com fim em si mesma e sem a necessidade de participação efetiva do professor (Silva, 2010).

Embora essas perspectivas ainda permaneçam fortemente na prática da Educação Infantil, existe uma tendência de levar a Educação Física da Educação Infantil à famosa “esportivização” que acontece na Educação Física em geral, como afirma Betti (1991), e que encarrega essa disciplina escolar da função de ensinar habilidades motoras e desenvolver a condição física exigida a uma futura performance esportiva. Neste ponto, a criança é preparada como um futuro atleta, que precisa ser treinada desde cedo.

Daolio (2002, p.10-11), compreendendo a Educação Física na Escola na mesma linha, afirma que a Educação Física tradicional julga apenas a proporção eficiente dos movimentos, e por isso considera outros movimentos como não técnicos, “merecendo, por parte da Educação Física tradicional, intervenção no sentido de corrigí-los, aperfeiçoá-los e padronizá-los”. Tal percepção tem, portanto, índole exclusivamente técnica e de rendimento na Educação Física escolar.

Segundo Kunz (2001), alguns autores já manifestaram esforços em criticar e apresentar alternativas para reverter essa concepção. Entretanto, esses trabalhos não demonstraram credibilidade e amplitude crítica, ora apenas questionaram e criticaram a perspectiva da Educação Física escolar, sem de fato proporcionar elementos para uma mudança prática, ora apresentaram modelos excepcionais sem questionar a sua relevância sócio-política e educacional. Em função disso, o autor também sugere que a Educação Física escolar deve ir além de treinar habilidades técnicas necessárias ao esporte, pois este visa apenas alcançar o princípio da sobrepujança e das comparações objetivas, dos quais as consequências maiores são os processos da seleção, da instrumentalização e da especialização.

Segundo estudos teóricos, em pleno século XXI as pesquisas que norteiam a Educação Física na Educação Infantil são poucas. Existem diversos assuntos produzidos em relação aos esportes e seus conteúdos, porém na área pedagógica e, principalmente, na educação infantil é possível perceber a carência nessa linha de pesquisa. Alguns estudiosos, também poucos, que se preocupam com o rumo que a Educação Física toma nas escolas, com caráter de exclusão, também refletem sobre essa possibilidade na Educação Infantil. “Ora, marcado pelo culto ao corpo perfeito

(imposto pela mídia/padrões de beleza), ora, pelo manifesto de que “esporte é saúde” (portanto, submeta-se a ele)” (Santos, 2008, p.34).

A Educação Física passou por diferentes períodos históricos, hoje é possível perceber que ela acompanha a tendência da modernidade. Não é possível, para esse trabalho, fazer uma análise mais exaustiva desta evolução, já que o objetivo é direcionar a Educação Física para o contexto da educação para as crianças pequenas.

No século XX até 1930, a fase Higienista caracterizou a Educação Física pela sua relação com a saúde. O propósito era que as pessoas tivessem hábitos saudáveis, praticando esportes, jogos, ginástica, para estarem sempre dispostos e com saúde. Entre 1930 e 1945, ocorreu a fase Militarista, a qual tinha o intuito de promover o treinamento físico e a disciplina, preparando os indivíduos para trabalhar a serviço da nação. Em seguida, ocorreu a fase da Pedagogização, que foi até 1964, nesse período a Educação Física passou a ser vista como uma disciplina educativa. A partir daí teve início a fase Competitivista, a Educação Física passa a ser tecnicista e se torna sinônimo de esporte de alto rendimento, com o objetivo de formar um país forte, atlético e olímpico. A fase popular estava completamente ligada aos modismos, academias, modalidades esportivas novas, e não possuía uma linha teórica definida, o que resultou em uma crise de identidade. Atualmente, a fase da “Tendência Social” busca a socialização da Educação Física. Se tem preocupação com a prática para a terceira idade, pessoas com deficiência, crianças de rua, em relação a essas práticas estão surgindo novos estudos e novas teorias (CASTELLANI, 1994 apud SANTOS, 2008).

Se as pesquisas na área da Educação Física são poucas, na área da Educação Infantil são menos ainda. Alguns autores como Kunz (2002, 2004, 2006, 2007), Sayão (1996, 2000, 2004), Wiggers (2003), contribuem muito para o avanço do pensar a Educação Física para as crianças pequenas.

Para Sayão (1996), a Educação Física na Educação Infantil deve trabalhar de forma integrada com a instituição e realizar um trabalho conjunto entre professores e alunos, para construir assim um processo educativo. A autora discute também em relação à falta de preparo dos professores de Educação Física para atuarem na Educação Infantil. O que ocorre nas Creches são aulas embasadas no modelo escolar, com horários pré-estabelecidos e objetivos delineados que refletem em um diagnóstico precoce, e até um apressamento para as próximas fases de ensino. “É o

modelo de escola que embasa as ações curriculares da Educação Física no âmbito da Educação Infantil”. (SAYÃO, 1996, p.12 apud SANTOS, 2008, p.37).

Fica claro o despreparo do professor de Educação Física que atua na Educação Infantil, porque, além de não ter na sua formação acadêmica uma preparação/estudo para trabalhar com as crianças de 0 a 6 anos, também não recebe uma capacitação suficiente que lhe dê possibilidades de usar o que aprende na academia para o trabalho com Educação Física nas escolas em todos os níveis, uma vez que os currículos universitários ainda estão fortemente amarrados à esportivização e na psicomotricidade, completamente descontextualizados das condições escolares (idem).

Segundo Santos (2008), no município de Florianópolis, em 1976, foi inaugurada a primeira Creche, situada em um bairro pobre com condições de vida precárias. O objetivo era atender crianças carentes de 0 a 6 anos, desde o seu nascimento até entrar na fase escolar. No entanto, sobre a “entrada” da Educação Física na Educação Infantil não se sabia muito. Estudos indicam que o município de Florianópolis pode ser considerado um dos pioneiros a contratar professores de Educação Física para atuar na Educação Infantil.

Novamente de acordo com SAYÃO (1996), Santos (2008) destaca que a entrada da Educação Física nas creches como disciplina ocorreu por três motivos: o primeiro está relacionado à propagação do MEC, de que o esporte ensina as crianças a conhecerem seus corpos e também, se tiver destaque em alguma modalidade, pode ser “alguém na vida”, em caso de não estudarem. O segundo motivo, que contribuiu para a entrada da disciplina, foi que, as crianças que ficavam nas creches vinham de famílias desestruturadas, filhos de mães solteiras, algumas tinham padrastos, mas se viu a necessidade da figura ou da referência masculina no cotidiano da criança, visto que as professoras eram todas mulheres. Então, os primeiros professores de Educação Física contratados nas creches eram homens, estudantes contratados como bolsistas e estagiários. E o terceiro motivo que levou o professor de Educação Física a se inserir nas instituições foi o chamado “festival de valores”, atividades artísticas, dança, teatro, música que visavam mostrar para a sociedade as habilidades das crianças. Como os outros professores não possuíam tempo para outras atividades, e o professor de Educação Física conta com o trabalho motor em seu currículo, o mesmo seria o componente ideal para essas atividades (Santos 2008).

Após implantada a Educação Física na Educação Infantil, a disciplina precisava ser organizada na creche, horários, conteúdos a serem trabalhados. Foi

elaborado pelo MEC um documento essencial, as “Diretrizes da Implantação e Implementação da Educação Física no Ensino Pré-Escolar e no Ensino de 1ª a 4ª série”. Este enfatizava que a Educação Física para crianças de 4 a 10 anos deveria priorizar as necessidades básicas das crianças nos seus aspectos afetivo, cognitivo e motor. Conforme destaca Santos (2008, p. 42),

O que aconteceu foi a mesma orientação pedagógica da Educação Física de 1ª a 4ª séries ser instaurada na Educação Infantil e com base fortemente apoiada na psicomotricidade. Desta forma, o que houve foi apenas uma “transferência” deste conteúdo hegemônico para a Educação Infantil, onde a preocupação com o desenvolvimento motor e a recreação estiveram e ainda estão muito presentes. Sobre o desenvolvimento da disciplina nos currículos não só da Educação Infantil, mas também de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental, onde ocorreu uma grande semelhança, alguns pesquisadores da Educação Física na infância como Kunz (2002,2004), Sayão (1996), Freire (1989, 1991), Silva (2003), concordam com o fato de a mesma ter adquirido certas tendências, fruto muito mais de “modismos” do que de uma real necessidade educativa/pedagógica/de filosofia da área.

No entanto, é necessário que a Educação Física na Educação Infantil perceba a criança com todas as suas possibilidades e potencialidades, onde a criatividade, espontaneidade e autonomia das crianças sejam influenciadas e valorizadas como um todo. Kunz (2004) contribui afirmando, a seguir, que limitar a criança e suas formas de movimentos é desconsiderar sua vivência de mundo. Padrões pré-estabelecidos de esporte, com técnicas, eram algumas práticas de Educação Física na Educação Infantil.

O desenvolvimento e a aprendizagem motora como concepções de orientação da Educação Física para crianças, também entendia a criança de forma limitada, desconsiderando sua vivência de mundo, até então. O objetivo era através de movimentos padronizados preparar a criança para uma vida esportiva de alto rendimento, o que desde cedo corroborou para a inserção e o fortalecimento dos princípios de sobrepujança e das comparações objetivas, que trazem como consequência disto, os processos de selecionamento, especialização e instrumentalização, exclusivamente para o esporte. Essas foram as formas que influenciaram as práticas da Educação Física, na Educação Infantil. (KUNZ, 2004 apud SANTOS, 2008, p.43).

É importante que os professores de Educação Física levem em consideração a opinião do aluno e não somente a do professor que, na maioria das vezes, já possui seu cronograma de trabalho pré-estabelecido. É essencial se colocar no lugar das crianças e pensar o que elas realmente querem, seus desejos, sentimentos e necessidades. Da mesma maneira, não podemos negar que já existem conteúdos que devem ser ensinados para as crianças, e os professores possuem esses saberes que precisam ser repassados. O trabalho conjunto entre professores e

alunos é a melhor maneira de produzir conhecimento e ambos se sentirem realizados em suas funções.

Concordando com Lima (2009, p. 41), a “Educação Física na Educação Infantil deve se apresentar diferente de um modelo escolarizante - que é caracterizado pela organização do conhecimento por meio de disciplinas”. A Educação Física possui facilidade de interagir com outras disciplinas, e assim produzir diferentes conhecimentos entre elas, possibilitando uma conexão e interlocução entre as mesmas.

Na educação infantil, a Educação Física irá contribuir para possibilitar a experiência de movimentos das crianças, onde através deles ocorrerá o diálogo, consigo mesma e com o mundo. Movimentos, estes, sempre intencionais e carregados de sentidos e significados (Kunz, 1994). Até porque, é por meio do movimento que as crianças interagem e se expressam, sentem, criam, e fazem descobertas. Assim, podemos dizer que o movimento humano, além de ser uma ação corporal, é o diálogo entre o ser humano e o mundo. Kunz (2002, p.95) afirma que

a criança, pelo seu brinquedo e pelo jogo, quer interagir com o mundo, o mundo real, dos objetos, e com os outros. O brincar torna-se para a criança sua forma de expressão. No seu brincar a criança constrói simbolicamente sua realidade e recria o existente.

Defendemos um ativo e inteligente acompanhamento da criança em todo seu processo de desenvolvimento, priorizando sempre o “Brincar e Se-movimentar”, e não à escolarização formal e eliminadora da vida infantil (Kunz e Costa 2015). Os professores de educação física, na maioria das vezes, priorizam a prática do esporte em suas turmas, excluindo outras formas de movimento, como por exemplo a dança. (Vargas, 2007). Nesse trabalho, pretende-se trabalhar a dança em forma de brincadeira para as crianças se-movimentarem, e dessa forma possibilitar o despertar da motivação e da alegria presentes nelas, desenvolvendo sempre suas capacidades de imaginar e criar. Estamos falando do BRINCAR DANÇANTE.

Kunz (1991), desde muitos anos, vem trabalhando com uma teoria filosófica para o Movimento Humano, que leva mais em consideração o Sujeito que Se-Movimenta do que o movimento propriamente dito, que deve ser imitado ou copiado, como acontece, em geral, nas aulas de Educação Física. Mais recentemente, esse autor, juntamente com seus orientandos de mestrado e doutorado, vem

desenvolvendo uma teoria a partir do Se-Movimentar que importa, ou é mais significativa para as crianças pequenas e suas inerentes necessidades de brincar, e chamou esta nova teoria de “Brincar e Se-Movimentar”. Antes, portanto, de nos referirmos, com base nestas teorias, ao “Brincar Dançante”, como aqui queremos, apresentamos uma síntese destas teorias formuladas por Kunz, desde 1991 a 2015.

5 PELA BUSCA DA SUPERAÇÃO: A TEORIA DO SE-MOVIMENTAR

Para desenvolver uma maneira de entender e problematizar o brincar e se-movimentar, é necessário utilizar e explorar a concepção do Movimento Humano, que acarretou o conceito de brincar e se-movimentar.

A abordagem de Kunz (1991), em seus primeiros escritos sobre a teoria do Movimento Humano, se baseia numa crítica aos modelos de abordagens utilizadas para os esportes para compreender o fenômeno do movimento humano, valendo-se dos conhecimentos das ciências naturais com suas limitações para a compreensão de ser humano. Assim, a importância do Movimento Humano nestas abordagens não se centrava nos sujeitos que se-movimentam, mas nas formas consideradas corretas deste movimento. Por isso, ganha importância o deslocamento do corpo no tempo e espaço mensurável, para então desenvolver modelos de aprendizagem ou de treinamento para aprimorar esse deslocamento, para uma finalidade já conhecida, ou seja, as destrezas esportivas ou as técnicas da dança ou do esporte.

A partir desta crítica, o foco da reflexão se concentrou não mais no deslocamento do corpo, mas em sujeitos que se-movimentam e nesta ação, ou seja, este “se-movimentar se configura numa forma de uma compreensão-do-mundo-pela-ação” (TAMBOER apud TREBELS, 1998, p.). O autor considera que o movimento humano, do ponto de vista das ciências da natureza, sempre é visto na perspectiva de um segundo plano e, na perspectiva antropológica, o Ser Humano é visto como o sujeito da ação. Esse Ser Humano que se-movimenta tem sempre uma intenção e expressão, criando assim um diálogo dele com o mundo. Nesse sentido, Gordjin (1970 apud Kunz, 2012) desenvolve uma teoria denominada “concepção dialógica” do movimento humano, onde considera que todo “se-movimentar” humano constituiu-se num verdadeiro diálogo com o mundo, com coisas, pessoas e com ele próprio.

Retornando à teoria do Se-Movimentar Humano, ela foi apresentada ao público brasileiro pelo Professor Elenor Kunz através do livro “Educação Física: Ensino & Mudanças”, com sua primeira edição em 1991, o qual se encontra atualmente na 3ª. edição (2012). Essa obra foi resultante de sua Tese de Doutorado, realizado na Alemanha com o professor Andreas H. Trebels, seu orientador, que é considerado o maior divulgador desta Teoria do Se-Movimentar Humano na Alemanha, a partir das primeiras ideias dos holandeses, como Gordjin,

Butendijk e Tamboer, entre outros. Kunz (1991, p.174), em sua obra, nos apresenta a seguinte conceituação sobre Movimento Humano e o Se- Movimentar:

O Movimento Humano, do ponto de vista antropológico, deve ser interpretado como um “diálogo entre o Homem e o Mundo”. “O Se-Movimentar do Homem é sempre um diálogo com o mundo” (TAMBOER, 1985), onde o Ser Humano que Se-Movimenta deve ser analisado de forma integral, como Ser Humano. “Não são corpos que correm, saltam e brincam, mas sim Seres Humanos que se movimentam” (GORDJIN, 1970. In, TAMBOER, 1972, p.132). O Se-Movimentar é, assim, interpretado como uma conduta humana, onde a pessoa do “Se-Movimentar não pode simplesmente ser vista de forma isolada e abstrata, mas inserida numa rede complexa de relações e significados para com o Mundo, que configura aquele “acontecimento relacional”, onde se dá o diálogo entre o Homem e o Mundo”. O “Se- Movimentar” é, então, “uma conduta significativa, um acontecimento mediado por uma relação significativa” (TAMBOER, 1985).

Neste diálogo, então, se constitui, na verdade, a intencionalidade do Se-Movimentar, o que vai constituir o Sentido/Significado deste Se-Movimentar (KUNZ, 1991). Já percebemos que nesta teoria o indivíduo é a centralidade, sua individualidade é resgatada, e ele é visto como original e único. É nessa relação dialógica do homem com o mundo que ele se expressa através de seus movimentos, valorizando suas vivências e seu contexto.

Segundo Burckardt (2017), é por meio da concepção da Teoria do Se-movimentar que o brincar vem recebendo espaço, e assim construindo elos para se estabelecer. Porém, as pesquisas nesse tema são poucas, o que torna ainda mais interessante e instigador desenvolver esse vínculo com o brincar e se-movimentar. Kunz (2015) defende que o brincar para a criança é imprescindível, que esta é uma necessidade básica e inerente à natureza própria da criança. E assim ele utiliza a expressão “Brincar e Se-Movimentar”, ressaltando que a criança é autora e constituidora de sentidos e significados no seu Se-Movimentar, sendo sempre criativo e significativo para a criança. Para Surdi (2014, p.132),

Nosso mundo é sempre um mundo vivido. É neste mundo que nossas possibilidades de se-movimentar se tornam humanas, significativas e belas. Nossas experiências originais são fundamentais para que nossa compreensão de mundo seja significativa. Temos que agir e participar ativamente na relação com este mundo. Essa relação se dá muitas vezes pelo movimento, e esse movimento deve ser inventivo e individual, pois as pessoas são diferentes. Sendo diferentes, devem compreender o mundo, cada qual a seu modo e, dessa forma, criar o seu se-movimentar, que proporciona uma comunicação também significativa com o mundo. Esse poder de criação motora está direcionado ao sujeito que pratica o movimento, e não ao movimento propriamente dito. Esse poder, proporcionado ao sujeito da ação, tem o objetivo de que ele seja participativo e controlador de todas as suas ações de movimento.

Dessa forma, podemos perceber que tanto Kunz (2015), como Surdi (2014) destacam a criança como autora dos seus movimentos, e que cada ser é diferente um do outro e tem o seu movimento próprio, que esse mundo é sempre um mundo vivido, e nesse mundo existem diferentes formas de se-movimentar, e a partir do seu se-movimentar é possível construir uma comunicação significativa com o mundo, visto que este movimento, para a criança, é sempre criativo e significativo. Assim sendo, a criança quando brinca realiza suas fantasias, liberta sua criatividade e se expressa, através de movimentos, desenhos, dança, dentre outras tantas brincadeiras possíveis.

A partir disso, é evidente que a brincadeira para a criança é imprescindível e necessária, e para ela tudo faz sentido quando brinca, sem segundas intenções, ou preparação para a vida adulta, ela desenha por prazer, pela alegria de existir. Corroborando com isso, Kunz e Costa (2015, p.18) auxiliam ao apontar que o brincar é para a criança um “Se-movimentar criativo”, crianças saudáveis têm muito prazer ao “Se-movimentar”, e a base deste “Se-movimentar” está na necessidade de brincar.

Mesmo “correndo à toa” ela está brincando, experimentando-se como ser livre e criativo, que se manifesta pela liberdade, decidindo suas realizações e possibilitando a construção de sentidos e significados naquilo que realiza. Crianças adoram pintar, desenhar quando lhes são oferecidos os materiais para isso. Assim é possível verificar que também nessa atividade elas se envolvem brincando e é muito triste quando um adulto passa ao lado delas quando estão desenhando e as adverte para que parem de brincar e desenhem algo decente. (KUNZ; COSTA, 2015, p.18).

Por essa razão, Kunz (2004) entende ser o campo da Educação Infantil o espaço apropriado para resgatarmos as questões essenciais que deveriam representar a experiência humana. Não obstante, prossegue o mesmo autor, antes mesmo da criança se perguntar “quem sou?” ela já atormenta-se com os sistemas institucionais designados a ela.

a linguagem e o movimentar-se humano (como diálogo com o mundo) são as poucas possibilidades que ainda nos restam para uma melhor compreensão de quem somos e ter, a partir deles, uma melhor consciência do mundo em que vivemos. Porém, até mesmo essas formas de expressão humana, praticamente, só se manifestam em forma da mera repetição, memorização ou cópia. Assim, a linguagem e movimentos produzidos com finalidades de entendimento são padronizados no plano social e cultural e os entendimentos comunicativos, no plano intersubjetivo, livre de padronizações, se restringem a raros momentos de liberdade e oportunidades de contato no mundo da vida. (KUNZ, 2004, p. 25).

Convivemos hoje em uma era em que a receita mais costumeira para se enfrentar a superaceleração e tecnologização do mundo é a prática da atividade física. Esta receita é notada inclusive para as crianças. Entretanto, conforme alerta Kunz (2004), o que está por trás dessas “receitas”, embora sob o rótulo da “qualidade”, não foge do aspecto que vínhamos denunciando: a dicotomização guiada por referências externas. Para a infância se prega, de um lado (utilizando-se das brincadeiras e jogos), a possibilidade de as crianças formarem o hábito saudável de permanente prática da atividade física. Sob a égide da saúde, observam-se, nesta perspectiva, apenas as dimensões biológicas da criança. De outro lado (também apoiando-se nos jogos e nas brincadeiras), “receitam” a atividade física para melhoria do desenvolvimento psicossocial e educacional da criança.

Assim, os valores humanos, percepção, intuição, sensibilização emocional-afetiva, enfim, as possibilidades de um “conhecimento de si” através do Se-Movimentar não são estudadas com profundidade e, muito menos, são sugeridas proposições práticas consistentes que possibilitem sua efetiva realização. É neste sentido que aquele autor tem demonstrado grande preocupação com a excessiva “intelectualização” que é dada a manifestações expressivas humanas. Ao se tratar de experiência, não é possível restringi-la, ou baseá-la apenas na esfera da intelectualização, da razão.

Sendo o movimento nosso primeiro e mais importante diálogo com o mundo – e, ousamos acrescentar, a única forma que nos faz sujeitos vivos e perceptivos –, Kunz (2004, p. 28) acredita que o Se-Movimentar de forma livre e autônoma “foi e continua sendo nosso veículo de libertação das excessivas referências externas que nos são colocadas sem a nossa autorização”. Este é, em nossa opinião, o desafio fundamental que devem enfrentar os envolvidos com a Educação Infantil, se quiserem compatibilizar teoria e prática, discurso e ação.

5.1 A CRIANÇA E O BRINCAR E SE-MOVIMENTAR

As crianças foram motivo de preocupação para diferentes áreas do conhecimento, por questões de sobrevivência, de saúde e de educação, mas é na atualidade que se percebe uma preocupação com o seu futuro, um futuro claramente profissional (KUNZ, 2015). Segundo Verden-Zöllner (2004, p. 231),

O brincar não tem nada a ver com o futuro. Brincar não é uma preparação para nada, é fazer o que se faz em total aceitação, sem considerações que neguem sua legitimidade. Nós adultos, em geral não brincamos, e frequentemente não o fazemos quando afirmamos que brincamos como nossos filhos. Para aprender a brincar devemos entrar numa situação na qual não podemos senão atentar para o presente.

Diante disso, podemos perceber que as crianças estão perdendo uma fase importantíssima que é a infância, por estarem sendo impostas a situações criadas pelos adultos, onde elas têm uma rotina pré-estabelecida, com afazeres diários, tudo com objetivo de fazer as crianças, precocemente, adentrarem no mundo dos adultos bem sucedidos, e tornarem-se bons profissionais. Toda sua infância está sendo uma preparação para o futuro, onde o presente está sendo deixado para trás, pois as crianças estão perdendo o direito de brincar livremente, inventar saltar, imitar animais, correr e se-movimentar, pois todo seu tempo já é carregado de obrigações a serem cumpridas.

Segundo Santos (2008), o brincar é uma necessidade básica da criança que surge muito cedo, logo após seu nascimento. A brincadeira é considerada a primeira conduta inteligente do ser humano. Ao realizar movimentos com os dedos, e com o corpo, a criança já está brincando e se-movimentando e, a partir deste brincar, experimentando sensações prazerosas e divertidas.

A brincadeira é a maneira da criança se expressar com as pessoas e com o mundo. O brincar é um ato espontâneo, livre e criativo onde a criança liberta sua imaginação, ela cria, imagina, pensa e reproduz, e por isso possibilita um momento único para o seu desenvolvimento. Para a criança, brincar é viver, e as crianças brincam porque esta é uma necessidade básica, assim como a nutrição, a saúde e a educação. Santos e Cruz (2008, p.113) nos apresentam o brincar enfocado tanto como fenômeno filosófico, como sociológico, psicológico, criativo, psicoterapêutico, pedagógico, e também por outros ângulos de abrangência, mais restrita e particularizada.

- 1) Do ponto de vista filosófico, o brincar é abordado como um mecanismo para contrapor a racionalidade.
- 2) Do ponto de vista sociológico, o brincar tem sido visto com a forma mais pura de inserção da criança na sociedade.
- 3) Do ponto de vista psicológico o brincar está presente em todo o desenvolvimento da criança nas diferentes formas de modificação de seu comportamento; pois na formação da sua personalidade, nas motivações, necessidades, emoções, valores, as interações criança/família e criança/sociedade estão associados ao efeito do brincar.
- 4) Do ponto de vista da criatividade, tanto o ato de brincar como o ato criativo estão centrados na busca do "eu". É uma busca constante para

descobrir algo novo. É no brincar que se pode ser criativo, e é no criar que se brinca com as imagens, símbolos e signos, fazendo uso do próprio potencial, livre e integralmente. Brincando ou sendo criativo, o indivíduo descobre quem realmente é.

5) Do ponto de vista psicoterapêutico o brincar tem a função de entender a criança nos seus processos de crescimento e de remoção dos bloqueios do desenvolvimento, que se tornam evidentes. Na voz dos psicoterapêuticos o brincar é universal, é a própria saúde, facilita o crescimento, conduz aos relacionamentos grupais. É uma forma de comunicação consigo mesma e com os outros; por si só é uma terapia.

6) Do ponto de vista pedagógico, o brincar tem-se revelado como uma estratégia poderosa para a criança aprender.

Neste trabalho mais especificamente, trataremos o brincar e se-movimentar como algo próprio da criança, que necessita se-movimentar livremente, pois atualmente essa liberdade de brincar está se tornando uma atividade social e cultural com apropriação dos adultos, que impõem atividades aceitas e reconhecidas por estes.

Assim, segundo Kunz e Costa (2015, p.14), por exemplo, destacam-se nitidamente duas formas do brincar na criança. O “brincar espontâneo” e o “brincar didático”. Infelizmente é a este último que a maior parte da literatura que trata do assunto se refere.

Todo ser humano tem uma inerente necessidade de “Se-movimentar”. A criança sabe muito bem disto e busca incessantemente atender a esta necessidade básica e a realiza de melhor forma no brincar. O brincar é o ato mais espontâneo, livre e criativo e por isso é para ela uma realização plena para o desenvolvimento pleno de seu ser. Deveria ser entendido pelos adultos como algo sagrado para a criança. Impedir esta possibilidade é, segundo Kunz (2010), uma “*Lebensentzug*” (com base em Zur Lippe, 1987), extração de vida sem morrer. (KUNZ; COSTA, 2015, p.14)

Kunz e Costa (2015) ainda nos trazem que grande parte da literatura da Educação Física utiliza diferentes nomeações para o “brincar didático” da criança, como por exemplo, Aprendizagem Motora, Psicomotricidade, Motricidade Infantil, Jogo, etc. Enfim, a “didática do brincar” se ocupa mais com o conteúdo e a utilização da brincadeira do que com a criança que brinca.

Muita literatura sobre o tema brincar também apresenta um interesse muito grande em classificar o brincar da criança. Assim se destacam em primeiro lugar as grandes classificações, com afirmações de que o brincar é cultural para alguns, social para outros, ou ainda psicológico para um grande grupo de pesquisadores. Somente aqueles que pesquisam e convivem com crianças descobrem que o brincar é individual, cultural, universal, social, natural, corporal, emocional, enfim, total.

Por causa destas classificações das formas de brincar é que, cada vez mais, alguns teóricos são levados a considerar que a criança quando brinca está se preparando para o futuro. São típicas classificações desta natureza; as brincadeiras de imitação que a criança realiza, quando imita, por

exemplo, profissões ou atitudes de adulto, como médico, enfermeira, bombeiros, caminhoneiros, etc. (KUNZ; COSTA, 2015, p.15)

Estamos perdendo o sentido real da brincadeira, onde esta é uma atividade realizada sem intenções, voltada a si mesma, sem nenhum propósito externo, porém, vista de maneira produtiva, como é inserida em nossa cultura, deixamos de compreender que aquilo que a representa é um atuar no presente. Representa-se que ao brincar as crianças reproduzem as atitudes dos adultos como se estivessem em preparação para a vida futura. Verden-Zöllner (2004, p.231) destaca que

A brincadeira é uma atitude fundamental e facilmente perdível, pois requer total inocência. Chamamos de brincadeira qualquer atividade humana praticada em inocência, isto é, qualquer atividade realizada no presente e com atenção voltada para ela própria e não para seus resultados.

Concordando com a autora, de fato podemos perceber que brincar é uma ação lúdica por excelência exercida pelas crianças, portanto não deve ser tirada delas a oportunidade de brincar, visto que a infância é uma fase, assim como as outras fases da vida, e passa muito rápido. Crianças são seres inocentes, puros, sinceros, sem maldade, e por isso sabem brincar. Toda brincadeira tem um sentido próprio para elas que adultos não conseguem perceber, pois focar no presente sem se preocupar com o futuro e esquecer o passado é impossível com tantas preocupações do dia a dia. Verden-Zöllner (2004, p.241) afirma que,

Entretanto, vivemos numa cultura que nega a brincadeira e valoriza as competições esportivas, nessa cultura não se espera que brinquemos, porque devemos estar fazendo coisas importantes para o futuro. Não sabemos brincar. Não entendemos a atividade da brincadeira. Compramos brinquedos para os nossos filhos para prepará-los para o futuro.

Sem dúvida, nos dias de hoje, tudo o que fazemos no nosso dia-a-dia está voltado para um resultado final. A preocupação exagerada com o futuro, saúde, educação, nossa e de nossos filhos, faz com que a nossa atenção seja focada sempre em uma consequência que esperamos, e as interações entre os seres humanos estão cada vez mais subjetivas. Para Verden-Zöllner (2004, p.143),

Numa cultura centrada na produção – como é ou se tornou nossa cultura ocidental –, aprendemos a nos orientar para a produção em tudo o que fazemos, como se isso fosse algo natural. Nessa cultura, não fazemos apenas o que fazemos. Trabalhamos para alcançar um fim. Não descansamos simplesmente; nós o fazemos com o propósito de recuperar energias; não comemos simplesmente, ingerimos alimentos nutritivos; não brincamos simplesmente com nossas crianças, nós as preparamos para o futuro.

A brincadeira está presente na vida das pessoas, mas é na infância que ela ganha destaque, pois é através da brincadeira que a criança se comunica e se expressa. Para Cunha e Gonçalves (2015, p. 22),

A criança brinca, o adulto brinca, os animais brincam. O cão brinca, o gato brinca, os pássaros brincam – e ao que parece até a natureza brinca nesse brinde constante dos dias e das estações do ano. O brincar contém a raiz, a potência, a luz inicial. Encerra uma dimensão pré-reflexiva e/ou pré-compreensiva, estruturando-se como fundação, arquétipo, recolhimento. Estamos aqui perante a ideia de anúncio, do a priori, do amoroso, do sensível, do sonho acordado e, se quisermos, de uma certa forma de arte e estética. O brincar é da ordem do movimento quente, do aconchego, do útero materno – lugar primeiro onde os seres humanos habitam. [...] o brincar é, assim, um ato expressivo e espontâneo da criança, fundamental ao seu autoconhecimento (início de ser pessoa) e ao conhecimento do mundo. Ao expressar-se por meio do brincar, ela dá sentido ao que faz, atribui significado aos seus sentimentos, às suas emoções e à sua corporeidade. Isso faz com que tenhamos de crer na importância de conhecer os sinais emitidos pela criança através do ato de brincar. Em síntese, o brincar é, portanto, coisa da interioridade primeira e profunda...

Costa (2011) nos traz que a criança tem um grande prazer em brincar com elementos naturais, como a terra e a água, principalmente por estarem mais presentes diariamente. A criança adora brincar com a terra, por exemplo, com a argila ela constrói castelos de barro e outras invenções. Já as brincadeiras nas águas podem ser relaxantes e ao mesmo tempo emocionantes, no momento do banho, a criança pode brincar de barquinho, e o banho de chuva, a mistura de terra e água pode se tornar uma grande aventura de brincar na chuva.

Um bom contato com o mundo só podemos ter quando a gente consegue usar bem as funções de contato pelo ver, ouvir, tatear, degustar, cheirar, se-movimentar, manifestando sentimentos, ideias, pensamentos ou curiosidades. (OAKLANDER, 2006, p. 202).

As crianças, em geral, sabem precisamente aquilo que elas querem, a maioria delas não precisa de recomendações, elas simplesmente brincam pelo prazer que as brincadeiras as proporcionam. O professor de Educação Física, segundo Oaklander (1980), possui períodos para trabalhar com movimento corporal e expressão corporal, onde ele está em condição de ajudar as crianças a expressarem alguns sentimentos que podem estar bloqueados. Desta forma, o professor pode atuar também em exercícios que focalizem mais a consciência e o movimento do corpo inteiro. Os professores devem estimular as crianças a descobrir as entradas para a autoconsciência (Costa, 2011).

Portanto, o “Se-movimentar” proposto por Kunz (2007) é também uma forma de consciência corporal básica para o significado ativo do eu. Percebemos, então, o

brincar como algo essencial para o desenvolvimento sadio da criança. Para a criança, brincar é coisa séria, através da qual ela se desenvolve fisicamente e socialmente. Por meio da brincadeira toda criança pode experimentar suas próprias formas de ser, ou seu modo de ser-estar-no-mundo.

Concordando com Oaklander (1980), a brincadeira exerce uma atividade vital para a criança. Vai além de apenas uma atividade fútil, insensata e agradável, como pensam muitos adultos. Por isso, é importante que se concebam possibilidades para as crianças através de um “Brincar e Se-movimentar” prazeroso diariamente. Ainda Oaklander (1980) contribui afirmando que o brincar também serve como linguagem para a criança, pois muitas vezes substitui as palavras. As crianças passam por diversas situações na vida e, muitas vezes, são incapazes de expressar verbalmente, e dessa forma a brincadeira pode ser utilizada para manifestar aquilo que experienciou, conheceu ou quer conhecer.

Porém, é importante frisar que muitas crianças se escondem através das brincadeiras, isto quer dizer que, usufruem do brincar para tentar esconder a manifestação de pensamentos e sentimentos. Embora a criança brinque em um ambiente confiável, onde ela é aceita, isso não quer dizer que não devem ser impostos alguns limites. É imprescindível ensinar à criança regras fundamentais, tais como respeito com os demais e cautela com alguns equipamentos. As brincadeiras auxiliam a criança a conviver com os outros e em sociedade, durante toda a vida. Por isso, alguns sentimentos da infância podem perdurar conosco por muito tempo, podendo também nos abalar para o resto da vida (Costa 2011).

Conforme Oaklander (1980), crianças precisam de restrições, mas antes disso, elas têm necessidade de um tempo para compreender e encarar sua própria vida. Elas precisam descobrir o sentido da vida por elas mesmas. A criança precisa ter responsabilidades, ofereça a ela possibilidades de ser independente e de liberdade para fazer suas próprias escolhas. Inclua-a nas decisões e soluções de problemas referentes à vida dela. E, principalmente, respeite seus sentimentos, vontades, opiniões e necessidades próprias.

Nesse mesmo sentido, Aguiar (2005) colabora destacando que a criança precisa de regras, o ambiente social e convívio com as pessoas já exige isso. As regras podem dar sensação de segurança por um lado, mas por outro, podem ser desconfortáveis para as crianças. A responsabilidade de escolher o que é bom para ela, de acordo com seus desejos pessoais, pode ser desconfortável e até causar um

pouco de medo para uma criança. Vivemos em uma sociedade composta por diversas opções, e a criança precisa de alguém que lhe guie para introduzir-se e permanecer neste emaranhado de padrões, princípios e valores que é a cultura. Impor limites é importante, um valor que deve ser conservado, mas para ensinar é importante dar-lhe uma concepção de mundo, para que ela possa interpretar e transformar. Mas isso não significa que o adulto é o único que pode impor, conhecer e controlar as regras.

A autora Verden-Zöllner (2004) relata que a brincadeira, como qualquer atividade vivida e realizada no presente, sem nenhum propósito exterior, é desempenhada com sentimentos e emoções. Portanto, podemos dizer que o brincar e se-movimentar de crianças pode ser percebido sempre quando observamos as mesmas envolvidas e desfrutando muito bem o que fazem, sem nenhum objetivo externo. É um fato, hoje em dia, que as crianças brincam imitando os adultos, como se estivessem se preparando para o futuro. Quando a criança nasce, ela é apenas um embrião com consciência de si mesma. Com o passar do tempo, com o período de maturação de sua primeira infância, é que ela desenvolve espontaneamente, por meio das brincadeiras naturais com a mãe, crianças e outros adultos, a maneira de viver na linguagem.

Assim, Verden-Zöllner (2004) conceitua o livre brincar de modo espontâneo, organizado, com base nas ações de movimentos e percepções que provém da história evolutiva. Ou seja, as brincadeiras das crianças são espontâneas e não arbitrárias, são expressões de relações entre o meio e o ser vivo, cujas formas de hoje são transformações de formas de antigamente. São dinâmicas corporais que têm ligação ao comportamento de territórios antepassados. É importante salientar que vivemos em um mundo em constante transformação diária, as crianças já não conseguem encontrar as condições necessárias para desenvolver, de forma adequada, sua consciência, levando em conta suas possibilidades. Dar liberdade ao movimento dos filhos é imprescindível para que eles se tornem seres humanos independentes e autônomos. As particularidades e necessidades infantis estão se perdendo, ou seja, brincadeiras entre pais e filhos, as brincadeiras espontâneas, raramente são vistas.

Verden-Zöllner (2004) enfatiza ainda que, nesse mundo sem relação com a natureza, sem escolha de amigos para brincar, e sem liberdade de movimentos, não é possível desenvolver uma autoconsciência, uma consciência corporal, uma

consciência social e uma consciência de mundo. Sendo assim, neste mundo que não está pertencendo às perspectivas das crianças, é possível perceber que elas vêm tendo uma vida de emoção pela separação, pela falta de proteção e pelo desamparo. É desta forma que elas se desenvolvem como seres manipuláveis e socialmente alienados. (OAKLANDER, 1980, p.196) afirma,

As crianças vêm se encontrando cada vez mais desprotegidas, num ambiente que não lhes proporciona confiança e nem aceitação, elas jamais alcançam um desenvolvimento total de suas possibilidades humanas naturais de auto orientação, auto respeito, responsabilidade pessoal e social, liberdade e amor.

Contudo, é possível perceber que para uma vida mais plena no brincar e se-movimentar é preciso viver sem intenções que levem a atenção para além da ação, no momento em que estiver fazendo algo. As crianças que têm o privilégio de viver no brincar, com certeza irão se desenvolver como seres humanos sociais bem integrados e adaptados em sociedade, e certamente serão felizes. É importante salientar que profissionais de Educação Física possuem um papel importantíssimo, e podem proporcionar para as crianças essa possibilidade do brincar e se-movimentar com mais frequência. Dessa forma, é imprescindível que se tenha profissionais mais capacitados para compreender, participar e atuar com crianças num ambiente educacional.

6 A IMPORTÂNCIA DO DANÇAR COMO UM BRINCAR E SE-MOVIMENTAR SIFNIFICATIVO: O BRINCAR DANÇANTE

O ritmo e o movimento estão presentes diariamente em nossas vidas, possuem, inclusive, características culturais, manifestam-se como fenômenos inerentes a contextos históricos e sociais. Em todas as culturas do mundo pode-se notar o mesmo fenômeno: crianças extremamente entusiasmadas com melodias, ritmos e movimentos, porque ali contêm elementos de alegria de vida, de dança e de brincar e se-movimentar. A afinidade e fascinação derivadas de músicas podem ser consideradas, de certa forma, como independentes da idade, da inteligência, ou do âmbito cultural, contagiando até mesmo pessoas com deficiências perceptivas ou excepcionais. A música e a dança podem ser vistas como uma linguagem universal. O Ser Humano se deixa “aprisionar” emocionalmente pela música, e tem uma predileção especial por se-movimentar ritmicamente, mesmo que seja através de uma minúscula parte de seu corpo. Crianças mais ainda, porque para elas trata-se sempre de um brincar e se-movimentar dançante.

Dessa forma, Marques e Kunz (2013) também anunciam que nas brincadeiras, jogos, danças e outras manifestações culturais, certamente encontramos a presença de diferentes manifestações rítmicas que variam conforme as características sociais e culturais de cada região. Os autores ainda enfatizam que, geralmente, associa-se o ritmo à sequência de movimentos padronizados e sistematizados, padrão esse que é, na maioria dos casos, imposto pelos professores que, ao invés de promoverem experimentação e descobertas, podem levar os alunos a pensar que não possuem ritmo. E isso seria pedagogicamente muito prejudicial às crianças, pois, segundo Kunz (2002), como “ser no mundo” temos um “ritmo vivido” que se desdobra em todas as nossas ações e que, portanto, está ligado a uma organicidade corporal, ou seja, ao movimento e à expressividade de cada ser humano.

Marques e Kunz (2013 apud Heller 2003, p.38), nos dizem que “o ritmo é uma compreensão primitiva do tempo que nós exercemos com o corpo, antes mesmo de representá-la com o pensamento”. Isto, por sua vez, ocorre graças a nossa intencionalidade corporal, que nos permite agir, ou nos permite “se movimentar” não como princípio instrumental, mas como princípio expressivo.

Dessa forma, segundo estes autores, é possível dizer que ritmo é movimento, “ritmo e movimento se fundem de tal forma, que é impossível conceber um sem o outro, o que faz com que esse andamento conjunto, essa fluência, seja a tradução, ou melhor, seja a próxima expressão” (MARQUES; KUNZ 2013, p.204).

Segundo Brito (2003), a relação das crianças com o meio sonoro começa antes do nascimento, pois na fase intrauterina os bebês já acompanham os sons provocados pelo corpo da mãe, como o sangue que flui nas veias, a respiração e a movimentação das vísceras. A voz materna também possui sonorização especial e significa referência afetiva para eles.

Os bebês e as crianças interagem permanentemente com o ambiente sonoro que os envolve e logo com a música, já que ouvir, cantar e dançar são atividades presentes na vida de quase todos os seres humanos, ainda que de diferentes maneiras. Podemos dizer que o processo de musicalização dos bebês e crianças começa espontaneamente, de forma intuitiva, por meio do contato com toda a variedade de sons do cotidiano, incluído aí a presença da música. Nesse sentido, as cantigas de ninar, as canções de roda, as parlendas e todo o tipo de jogo musical tem grande importância, pois é por meio das interações que se estabelecem que os bebês desenvolvem um repertório, que lhes permitirá comunicar-se pelos sons. [...] A criança é um ser “brincante” e, brincando, faz música, pois assim se relaciona com o mundo que descobre a cada dia. Fazendo música, ela, metaforicamente, “transforma-se em sons”, num permanente exercício: respectiva e curiosa, a criança pesquisa materiais sonoros, “descobre instrumentos”, inventa e imita motivos melódicos e rítmicos e ouve com prazer a música de todos os povos. (BRITO, 2003, p.35).

Também Hirler (2005) afirma que uma educação musical para crianças constitui-se um dos aspectos educacionais mais importantes, e não apenas após o nascimento, mas já anteriormente a isso, ou seja, a voz e as cantorias da mãe acompanhados de certos movimentos rítmicos e carinhos na barriga, onde se encontra a criança, constituem-se para a criança neste período a melhor forma de amor e tranquilidade, e colabora muito para a formação de uma autoimagem para a criança após o nascimento, contribuindo ainda para uma melhor integração no meio social em que nasceu. O brincar e se-movimentar de crianças acompanhado de ritmos, sons e danças produzem nelas um sentimento de pertencimento, e fornecem também mais cor e harmonia para o viver em sociedade.

Segundo Vargas (2007), o ritmo a música, e junto deles a dança, sempre estiveram presentes na vida das pessoas, servindo como meio de comunicação e expressão.

Todos os sentidos atuam quando o corpo recebe um estímulo exterior como a música, por exemplo. O corpo se põe em movimento e, apesar das

diferenças culturais, trata-se de uma linguagem universal que o ser humano desfruta desde cedo. (VARGAS, 2007, p.67).

A autora contribui apontando que a música desperta emoções, as quais são expressadas pelas ações, desenvolve a fantasia, criatividade, nostalgia e atinge o humor. Afeta a energia, resistência muscular, respiração, circulação, e ainda contribui para melhorar o desempenho motor, além de ser agradável ao ouvido e à mente.

Assim, a música, o brincar e se-movimentar dançante não são apenas aspectos importantes do ponto de vista psicológico, mas também, cultural e educacional. Fornecem uma possibilidade da criança se desenvolver de forma integral e plena. Muito importante então, também para uma integração social de crianças no meio em que vivem. Elas se identificam com a cultura de seu meio, conseguem formar melhor uma imagem de si mesmas e dialogar com o mundo, os outros e consigo mesmas.

Perceber movimentos e gestos através de vibrações sonoras faz parte da nossa aproximação com o mundo em que vivemos. Ouvimos diversos sons, o barulho do mar, as folhas balançando, o vento que sopra; ouvimos também o barulho das máquinas, o motor dos carros, o canto dos pássaros, o toque do telefone... ouvimos falas, vozes e música (BRITO, 2003). Portanto, quase todos os sons ouvidos no dia-a-dia se apresentam de maneira ritmada, o que confere à nossa vida um sistema de ritmos e sons, a maioria deles muito importantes para nosso desenvolvimento sociocultural.

Segundo Brito (2003), “SOM é tudo que soa! Tudo que o ouvido percebe sob a forma de movimentos vibratórios”. Os sons que estão ao nosso redor expressam a vida, energia, movimento. Indicam situações, ambientes, a natureza, os animais, os seres humanos, e também as suas máquinas refletem sonoramente a sua presença, seu “ser estar” integrado a tudo que é vivo no planeta.

Os sons são portadores de informações e significados. Os sons da natureza (trovões, vento, chuva), os barulhos dos animais, os sons produzidos pelas pessoas (com o corpo, voz, materiais), informam diversas coisas, a aproximação de um carro, de tempestade, e também provocam emoções e reações. O universo vibra em diversas frequências, amplitudes, durações, timbres e densidades, e o ser humano percebe e reconhece, atribuindo-lhes sentidos e significados (BRITO, 2003).

Perceber sons, produzir e relacionar faz parte da vida de todos nós. Por exemplo, ouvimos o apito de um guarda e obedecemos, ouvimos a campainha e vamos abrir a porta, é possível reconhecer diversas informações sonoras, que mudam de uma cultura para outra. Para entender melhor, é só imaginar a diferença entre uma grande cidade e uma aldeia de pescadores, o ambiente sonoro existente nesses dois locais. A percepção e interpretação de acontecimentos sonoros, que geram interações com o meio, tem uma importância grande no que se refere à formação e constante transformação da consciência de tempo e espaço, um dos aspectos principais da consciência humana (BRITO, 2003). Portanto, somos a todo momento envolvidos por sons e ritmos. Todos de fundamental importância para o viver, conviver com os outros e se integrar com a natureza e o mundo. Assim, nossa vida cotidiana, vinculada à natureza e ao Cosmos, é rítmica e sonora. Porém, para esse trabalho interessa-nos os sons e ritmos que estimulam o dançar, e que, por sua vez, constituem um brincar e se-movimentar para crianças. Diante disso, podemos anunciar desde já a importância fundamental de desenvolver com crianças pequenas noções rítmicas e danças que envolvem concomitantemente um brincar e se-movimentar livre e prazeroso.

Com isso, vamos falar um pouco mais da música como elemento integrador e fundamental para o dançar brincante, como aqui queremos desenvolver. Há algum tempo atrás, quando se determinou a existência do que poderia ser a música, evidências apontavam para uma compreensão mágica, mítica, que pode transformar sons em música, e seres humanos musicais, criadores de sentidos sonoros. Os mitos e lendas relacionando vida, sons, dando-lhes poder e magia, e também aos instrumentos musicais, expressaram essa compreensão. Existem diferentes teorias em relação ao surgimento da música na cultura da humanidade. Em cada época e cultura, a linguagem musical vem sendo interpretada de forma diferente, ela é entendida e definida de acordo com os valores e concepções vigentes (BRITO, 2003).

Segundo o Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa, a concepção de música que traz é a seguinte: “Arte e ciência de combinar os sons de modo agradável ao ouvido”, e também, “Qualquer conjunto de sons”. O apontamento baseia-se numa abordagem subjetiva, que atribui valor ao que agrada ao ouvido. E a música, como “qualquer conjunto de sons”, sem ter um caráter estético, pode vir a ser entendida como depreciativa ou desvalorizada. De acordo com Brito (2003), no

livro *Evolução da Teoria Musical*, de Elce Pannain, a definição de música é: “arte de combinar sons e formar com eles melodia e harmonia”. Porém, nem toda música é constituída por melodia e harmonia. Segundo Brito (2003), afirma Han-Joachim Koellreutter que “a música é uma linguagem, posto que é um sistema de signos”. Para ele a música é linguagem que organiza intencionalmente os signos sonoros. Através dessa linguagem musical pode-se ampliar a consciência, pois permite vivenciar e conscientizar diversos conceitos (BRITO, 2003).

Outro conceito de música é de John Cage e Murray Schafer, que, segundo Brito (2003) afirmam: “música é sons, sons à nossa volta, quer estejamos dentro ou fora das salas de concreto”. Para eles, o que ouvimos se torna música, mesmo que aquilo não seja música. Os sinais sonoros, buzinas, motores de carros se tornam música pela interação entre os mundos subjetivos e objetivos, sons externos e internos. Cage, destacado por Brito (2003, p.27), considera que

a música não é só uma técnica de compor sons (e silêncios), mas um meio de refletir e de abrir a cabeça do ouvinte para o mundo. Com sua recusa a qualquer predeterminação em música, propõe o imprevisível como lema, um exercício de liberdade que ele gostaria de ver estendido à própria vida, pois “tudo o que fazemos” (todos os sons, ruídos e não sons incluídos) “é música”.

Existem diferentes tipos de músicas, dentre eles, o samba brasileiro, o jazz norte americano, a valsa, o rap, o canto dos monges budistas, a música aleatória, a música da cultura infantil, entre outras diversas alternativas, que são expressões sonoras que representam a consciência, um maneira de pensar, sentir e perceber dos indivíduos, povos, culturas, regiões, no processo histórico social. Por isso, é muito importante conhecer e preservar a nossa cultura musical, tradições de antepassados que passam de geração para geração, e também é importante conhecer as produções musicais de outras culturas diferentes da nossa, para ampliar, criar e explorar novos recursos para o fazer musical. A música, com sua diversidade e riqueza, é uma forma simbólica de representação do mundo, ela permite conhecer melhor aos outros e a nós mesmos.

Em cada tempo e lugar são utilizados diferentes instrumentos musicais, fontes sonoras e outros sistemas de afinação, composição e estruturas rítmicas. Os materiais sonoros utilizados também distinguem os diferentes períodos da história da música ocidental. A partir do século XVIII, a música vocal da idade média tornou-

se instrumental. O século XX marcou o início de todos os tipos de sons, até os ruídos.

Importante para esse trabalho é que a compreensão do significado da música se justifica por julgarmos que, o desenvolvimento de uma competência musical para crianças introduz a criança a uma melhor interpretação do ritmo e das atividades ritmadas, incluindo o brincar e se-movimentar. Assim, quando elas tiverem possibilidades de manusear instrumentos musicais, conhecendo as possibilidades rítmicas através desse manuseio, ela se tornará capaz também de interpretar e transformar esses sons rítmicos, que conseguiu através dos instrumentos, em movimentos, em um dançar brincante. Com isso, não se desenvolve apenas as capacidades expressivas de ritmo e música, mas propriamente sua personalidade, conforme destaca Hirler (2005).

O Holandês Peter Heij (2006), em sua tese sobre a Responsabilidade Pedagógica do dar aula de Educação Física (traduzida do holandês para o alemão por Trebels, A.H., e do alemão para o português por Kunz, E.) se refere intensamente aos escritos de outro holandês, Gordijn, e sua teoria da concepção dialógica do movimento humano, conforme já visto anteriormente. O se-movimentar humano constitui-se sempre em uma ação dialógica entre quem se-movimenta e o mundo, os objetos, os outros e consigo mesmo, portanto, “se-movimentar” constitui-se em um “estar-aí-em-movimento”, e Gordijn, segundo Heij (2006), considera a configuração de três grupos ou formas principais deste “estar-aí-em-movimento”, como segue: solucionar tarefas, brincar e dançar. São, na verdade, três conceitos fundamentais na teoria de Gordijn, e é preciso entendê-los um pouco mais e, principalmente, na forma como Gordijn os utiliza, ou seja:

- Sempre que nos encontramos entre coisas e pessoas para realizar algo, alcançar alguma coisa, encontramos-nos, segundo Gordijn, numa situação de solução de tarefas: conceito básico, neste caso, é: um resultado (um ponto final);
- Sempre que nos encontramos entre pessoas e coisas demorando-nos nelas de modo lúdico, Gordijn fala do Brincar: conceito básico: surpresa (um estar a caminho de algo);
- Sempre que nos encontramos entre pessoas e coisas, assumindo de forma comum um acontecimento rítmico, Gordijn fala de Dançar: conceito básico: sociabilidade.

Portanto, podemos considerar três critérios na proposta de Gordijn para as modalidades do se-movimentar: A continuidade, as maneiras de estar entre pessoas e coisas, além do modo de desenvolver os movimentos, ou seja, um transcorrer dos movimentos (estar a caminho).

Solucionando tarefas, brincando e dançando são, assim, três diferentes formas em que os sujeitos, ao se-movimentarem, se comportam frente a situações e ambientes. Elas são categorias, ou seja, não podem ser analisadas separadamente, até mesmo devido às diferenças que possuem entre elas. É possível que, durante uma atividade (jogando bola, por exemplo), se possa perceber uma transferência, ou seja, do brincar (jogar bola) para o solucionar tarefas, mas não é possível jogar/brincar e solucionar tarefas ao mesmo tempo.

Assim, solucionar tarefas, brincar e dançar se constituem como modos específicos de pessoas lidarem com objetos/coisas e outras pessoas. Categorias importantes, portanto, para caracterizar e explicar melhor o que queremos dizer quando falamos de um Brincar Dançante.

6.1 POSSIBILIDADES REAIS PARA UM BRINCAR DANÇANTE NA ESCOLA (CRECHE)

Compreendendo a Educação Física na educação infantil como grande contribuinte para expansão de movimentos, expressão corporal, através do jogo, do lúdico e da brincadeira, levando em consideração que o movimento humano é o principal instrumento de trabalho para o professor, e é por meio do movimento que as crianças interagem consigo mesmas e com o mundo, podemos considerar aqui, também, a dança como mais uma possibilidade para a Educação Física, como conteúdo de experimentação de movimento e, especificamente, a dança improvisação como uma alternativa para o ensino da dança na educação infantil.

Nesse sentido, pode se pensar em um Dançar Brincante a partir da ideia já conhecida na dança, que é a Dança Improvisação, conforme abordado por (Saraiva-Kunz (1994, p. 167),

Enquanto método, a improvisação permitirá, no mínimo, que os indivíduos criem novas formas de se movimentar (na verdade novas combinações) ou resgatem em outro espaço, sob outro estímulo, as formas do se movimentar próprio e do cotidiano, dando-lhes outra dimensão através da reflexão e validação pedagógicas das possibilidades individuais. Nesse sentido a improvisação propicia o descondicionamento dos movimentos [...]

repassados através de formas tradicionais de trabalho, em que os indivíduos condicionam movimentos.

A dança está presente na nossa vida, faz parte da história, da cultura em que vivemos. Todos nós, de uma ou de outra forma, já nos deixamos levar pelo som, pela música, pelo ritmo e, espontaneamente, dançamos. Desde pequenos, ao ouvir sons, os jovens, em especial, já balançam o corpo, sem nem entender o porquê de estarem se movimentando pra lá e para cá, em um “brincar dançante”. A música é algo inexplicável, ela pode nos deixar alegres, nos fazer sorrir, extravasar, assim como há momentos tristes em que ela também nos apoia, com sua melodia melancólica, onde precisamos de um tempo para pensar e refletir. Nesse sentido, Bannmüller, (2010, p.173) colabora com a seguinte colocação,

A dinâmica da música (tensão-descontração) pode corresponder à minha dinâmica interna de vida. A música pode ter um efeito sobre as minhas tensões e descontrações. Um acontecimento, uma apresentação se desenrola e é forjada a um objeto ao mesmo tempo em que insiste em não ter fim. Quando me sinto cansado, me socorro na música para me reanimar. Preciso reagir, quando se aciona uma música e seu efeito dinamizador quer me tornar mais “capacitado pra o trabalho”.

Incentivar a dança desde pequeno é uma forma de possibilitar à criança um brincar e se-movimentar, podendo abrir diversas possibilidades para que ela possa aprender a “brincar dançando” com seu corpo, experimentando movimentos, em diferentes espaços, e de diversas maneiras, de forma criativa, lúdica, livre e agradável.

Segundo Kunz (2012, p.38),

É notório o efeito da música não apenas no plano emocional, mas na totalidade do ser corporal. Ela estimula movimentos, traz modificações na pressão sanguínea, estimula os batimentos cardíacos, o suor, a respiração, etc. A música evoca diferentes sentimentos nas pessoas, umas se deixam estimular mais para a realização de movimentos, outras apreciam a solidão e a paz, alguns preferem apenas acompanhar o ritmo com os pés e as mãos e assim por diante. Apenas por isso, já se pode perceber a importância sobre o humor, a vontade e a sociabilidade que evoca a música e, assim, fornece ao educador importantes elementos para dirigir um processo de autoconhecimento,

O autor continua, afirmando que a música “provoca uma sensibilidade maior sobre nossos órgãos sensoriais, especialmente o ouvido” (KUNZ, 2012, p.38). Mas não somente no ouvido, e sim no corpo todo, aumentando a concentração de maneira que transformar o ritmo musical se torna espontâneo. Assim, os

movimentos não precisam seguir determinados padrões, e a pessoa se liberta de movimentos convencionais.

Por fim, o ouvir a música, perceber ritmos e expressar-se livremente e espontaneamente por meio de movimentos correspondentes formam um importante diálogo. Um diálogo que liberta a pessoa para se expressar com a espontaneidade para novas vivências e experiências consigo mesma e com os outros, colaborando, assim, decisivamente, para o processo de autoconhecimento. (KUNZ, 2012, p.38).

Através da música podemos expressar sentimentos, emoções, sem utilizar a linguagem verbal, apenas com movimentos corporais, ocorre um diálogo através da expressão corporal. Para Mendes (1987 apud VARGAS, 2007), “antes ainda de buscar expressar-se e comunicar-se pela palavra articulada, a humanidade criou com seu próprio corpo, padrões rítmicos de movimentos”. Ainda nesse sentido, os movimentos podem expressar algo que é verbalmente inexprimível, como nos conta Bannmüller (2010, p.165),

As relações de reciprocidade entre música e movimento são precondições para a apresentação da música pelo movimento, bem como o movimento pela música. A música tem uma força de expressão muito forte para quem ouve. E o movimento, para quem fica na condição de olhar, também pode mostrar sua força de expressão. Neste último caso, o movimento tem o efeito e a forma de uma linguagem. Os vínculos entre música e movimento podem dizer aquilo que é verbalmente inexprimível.

Os professores de Educação Física, na maioria das vezes, priorizam o esporte em suas aulas práticas, excluindo outras formas de movimento humano, como por exemplo, a dança. Dessa forma, é necessário introduzir nas escolas, não apenas atividades com movimentos padronizados e técnicos, como os esportes, mas especialmente atividades como a dança, em que se sobressai o ritmo brincante, inclusive na Educação Infantil.

O movimento é uma forma de expressão, e através da dança é possível desenvolver diferentes formas de movimento. Todo ser humano se movimenta, mas, de forma especial, a criança necessita se-movimentar porque é uma “inerente necessidade” humana, e crianças “sentem isso na pele”. Segundo Vargas (2007, p.65) “seus movimentos naturais estão frequentemente reprimidos nas atividades escolares, por isso buscamos na dança uma forma prazerosa de extravasar estas energias guardadas, resultando numa prática alegre e saudável”.

Vargas (2007, p. 66) propõe atividades de dança na escola através de movimentos naturais e expressivos dos alunos, respeitando a individualidade de

cada um e incentivando diferentes capacidades de comunicação, criatividade e sensibilidade. Ele sugere a dança espontânea e criativa na escola.

As atividades de movimentos em aula de dança educativa e criativa deverão estar, então, em acordo com experiências vividas pelos alunos, criando assim diferentes técnicas, recriando passos, movimentos, originando uma maneira particular de dançar. Vargas (2007, p.69) alerta: “a introdução de forma estilizadas muito cedo inibe a imaginação, tencionando os corpos”. Concordando com as palavras da autora, a criança deve criar seus movimentos, imaginar e inventar de forma lúdica, ou seja, brincando, porque se desde cedo se impuserem padrões de movimentos para ela, isso poderá inibir sua espontaneidade e desenvolvimento individual.

Vargas (2007, p.61), em seu livro “Escola em Dança: movimento, expressão e arte”, traz um capítulo sobre os aspectos educativos da dança, onde destaca em alguns subtítulos as diversas relações da dança com as pessoas, os benefícios e as opções de trabalhá-la em escolas. Algumas relações feitas pelo autor são: a dança e o corpo; a dança e o movimento; a dança, o ritmo e a música; a dança e a técnica, e outros pontos que chamaram a atenção e que serão abordados com mais profundidade, entre eles destaque: a dança, a expressão e a comunicação; a dança e a criatividade; a dança e as relações sociais; e a dança na escola. Todas as relações são importantes para as pessoas desenvolverem suas diversas habilidades e movimentos, porém, os últimos itens citados acima serão mais utilizados nesse trabalho, por se tratar de aspectos importantes para a formação de crianças, como expressão, criatividade, as relações sociais e a dança na escola propriamente dita e, também, porque podem induzir mais facilmente as criança a um “brincar dançante”.

Primeiramente, ao falar sobre “a dança, a expressão e a comunicação” segundo Vargas (2007, p.70), “o ser humano é expressão desde que nasce”. A dança é uma linguagem na qual o ser humano expressa emoções, sentimentos e pensamentos através de seu corpo, e assim se comunica com as outras pessoas. Para a autora, “a dança, a educação pelo movimento e a expressão corporal, trabalhadas na escola dentro de um processo de aprendizado, favoreceu o desenvolvimento da comunicação interpessoal” (VARGAS, 2007, p.70).

Concordando com a autora, através da dança é possível incentivar desde cedo a comunicação e a expressão das crianças, é um meio pelo qual ela

desenvolve a linguagem corporal e aprende a conhecer seu corpo e suas capacidades, e dessa forma, movimentar-se.

Em seguida, tratando do ponto sobre “a dança e a criatividade”, Vargas (2007) destaca que o trabalho de dança na escola deverá incentivar a criatividade, onde os professores podem provocar seus alunos com vivências e experiências, possibilitando que ocorram situações diferentes onde possam surgir novas criações. Através do processo de criação de movimentos, os alunos serão incentivados a desenvolver sua capacidade criativa, de imaginar, inventar e desfrutar esse momento. Para Vargas (2007, p.71),

A criatividade não pode ser considerada apenas como um traço individual. Ela pode ser desenvolvida nos processos de aprendizagem, sendo resultado do acúmulo de experiências vividas pelos educandos. Nada se inventa com “o nada” ou “no nada”. Por meio da criatividade o ser humano desenvolve a capacidade de fazer novas associações, integrar objetos e ideias, manipular elementos de maneira criativa, ativar sua mente, descobrindo novas potencialidades.

É possível notar nas palavras da autora, em relação a criatividade, que ela não é individual, e que pode ser desenvolvida em grupo, onde cada um possui a sua experiência, e dessa maneira é capaz de possibilitar outras formas de relações, com diferentes ideias, manipulando objetos, e assim ativar a imaginação e a criatividade, fazendo surgir novas possibilidades.

Dando continuidade às relações, temos agora “a dança e as relações sociais”. Conforme Vargas (2007), a socialização da dança é evidente por ser uma forma de expressão, realizada através de movimentos dos seres humanos. A autora afirma que “a escola poderá criar um ambiente de relações amigáveis que ofereça a participação, colaboração e interação de todos os praticantes” (VARGAS, 2007, p. 73)

Vale destacar, também, que a dança estimula o companheirismo, através da ajuda entre os colegas e em grupo, para a criação de novas sequências. As relações favorecem um momento onde os alunos podem conversar sobre suas atividades escolares e se conhecer melhor enquanto se movimentam, e assim enriquecem suas vivências. Para a autora,

Quando o grupo se põe em ação junto com o movimento elaborado e com a música, vive uma experiência única, tendo a oportunidade de compartilhar, fazer algo tanto físico como prazeroso, com um grupo com os mesmos propósitos e a mesma motivação, estabelecendo, assim, importantes relações. (VARGAS, 2007, p.74).

Dessa forma, concordando com a autora, uma boa relação em grupo com os colegas é muito importante, pois desde cedo ensina os alunos a desenvolver o senso de cooperação, solidariedade e respeito. A dança possibilita este aprendizado de forma única. Enfim, Vargas (2007) expõe sua opinião sobre “a dança na escola”, destacando que os professores devem estar preparados para trabalhar a dança na escola, levando em consideração as experiências vividas pelos alunos. Os professores devem incentivar seus alunos, sem distinguir os mais habilidosos dos outros, para não encabular os menos dotados. A autora aponta que,

No movimento educativo e criativo, caberá ao professor e à professora o papel de incentivadores e integradores, buscando descobrir as atitudes e preferências dos aprendizes, para um maior aproveitamento das condições particulares de cada um, ao contrário de reprimir-lhes e sufocar-lhes com conteúdos. (VARGAS, 2007, p.75).

Concordando com a exposição da autora, é importante o professor incentivar os alunos a descobrirem, através da dança, os movimentos preferidos, para assim aproveitar as particularidades de cada um, bem como seu lado lúdico. Também levar em conta suas experiências e preferências, e assim realizar um trabalho conjunto entre alunos e professores, sem impor conteúdos pré-estabelecidos. Para Vargas (2007, p.76),

Há uma enorme riqueza inexplorada dentro de cada criança; criar situações e proporcionar oportunidades de expressão é tarefa do professor e da professora. Assim como planejar e levar a turma à facilitação da aprendizagem, se faz necessário ajudar os alunos e alunas para que sejam competentes nas diferentes formas de expressar suas ideias e seus desejos, elegendo qual de suas possibilidades expressivas é a mais adequada à situação em que se encontram.

A partir do exposto, e concordando com as palavras da autora, fica clara a capacidade que cada criança possui em si mesma, a facilidade de imaginar e inventar coisas novas é algo espontâneo para elas. Todavia, é papel do professor de Educação Física proporcionar oportunidades e realizar tarefas que estimulem a expressão, bem como ajudar os alunos a expressarem suas ideias e vontades, selecionando as mais adequadas ao momento.

Achamos importante descrever sobre as qualidades e possibilidades de um dançar na escola, como a autora acima referida nos trouxe, embora ela não tivesse a mesma preocupação que nós para esse trabalho, ou seja, a criança e suas possibilidades para um Brincar Dançante, mesmo quando desestimulada para um Brincar e Se-Movimentar livre e espontâneo.

Já destacamos acima que uma das melhores formas de transmitir paz e serenidade para as crianças (desde o útero) é oportunizá-las para a música. E assim que tiver condições físicas, para se-movimentar livremente. A criança, automaticamente, ao ouvir música realiza alguns gestos que se orientam a um dançar brincante. Esse dançar brincante passa, então, a se constituir não apenas como uma forma muito desejada e prazerosa de seu viver, mas também como importantíssima necessidade básica ao seu desenvolvimento geral.

Esse se-movimentar pelo brincar dançante resulta na expressão (tirar da pressão) de sentimentos reprimidos pelo stress do dia-a-dia, que crianças vivenciam atualmente. Ao mesmo tempo, esse se-movimentar se apresenta como uma espetacular forma de se fazer ativamente presente. As crianças querem muito participar de tudo, tudo que percebem, que lhes apresentam desafios, ou seja, agarrar, descobrir, conhecer, etc.

Passamos a abordar agora, ainda que rapidamente, depois de tudo já foi mencionado, relatado e referenciado por autores que tiveram preocupações semelhantes, um pouco sobre as conexões e necessidades de desenvolver em Instituições de Educação Infantil aquilo que aqui chamamos de um Brincar Dançante.

6.2 FAZENDO CONEXÕES: SE-MOVIMENTAR E BRINCAR DANÇANTE

Encontramos na literatura em Educação Física e Dança um grande número de estudos e pesquisas que se referem ao tema do brincar e do dançar para crianças e jovens, porém, dificilmente encontramos o Brincar e o Dançar, ou o Dançar e o Brincar como algo único, como algo que pode se encontrar, se desenvolver e se realizar juntos. Aqui optamos pelo Se-Movimentar e Brincar Dançante, tendo como referência os escritos do livro “Brincar e Se-Movimentar: tempos e espaços de vida da criança”, organizado por Kunz (2015).

Na obra acima citada, os autores fazem uma severa crítica à educação formal e familiar precoce de crianças na atualidade, quando visam à escolarização e à preparação para o futuro da criança muito acima do brincar e se-movimentar como essência de vida para as mesmas.

É ressaltada a importância do período da infância, onde deve ser proporcionado para as crianças experiências que desenvolvam a criatividade e a

imaginação, de modo que as crianças possam ser elas mesmas, vivendo no seu tempo presente, sem o controle e a pressão dos adultos para apressar o seu desenvolvimento precocemente. São impostas obrigações precoces para as crianças, direcionadas para a aprendizagem.

Na própria apresentação da obra podemos ler, sobre o livro, que:

[...] trata da criança em seu “ser-estar-no-mundo” e a sua imprescindível necessidade de viver plenamente o presente, no seu Brincar e Se-movimentar, para seu mais pleno e integral desenvolvimento. Pretendemos mostrar com isso a possibilidade de as crianças realmente se desenvolverem para uma autonomia de Ser sem a necessidade de uma educação formal que as coloca sob pressão do rendimento. (KUNZ, 2015 p. 9.)

O livro faz, ainda, considerações importantes sobre os impedimentos no mundo do brincar e se-movimentar de crianças por inúmeras instâncias que, para o nosso caso, passa a ser de grande importância, porque, se o livre brincar e se-movimentar se torna cada vez mais difícil para crianças, um “brincar dançante” talvez possa resgatar essa carência e essa vital necessidade da criança.

Assim, na obra, podemos ler que os próprios pais não consideram brincar e se-movimentar ações importantes para o aprendizado dos seus filhos, devido à valorização da intelectualização. Essas ações acabam sendo deixadas de lado, pois os pais tem como objetivo colocar os filhos na escola para desenvolver conteúdos e disciplina pautadas pela própria sociedade, pois não são a favor da forma como as crianças chegam em casa, “sujas”, resultante do brincar. Sendo assim, o olhar aprimorado do professor em relação à criança proporciona e possibilita que a mesma viva de maneira livre, criativa e intensamente sua infância, brincando e se-movimentando no tempo presente.

O brincar é um direito da criança, uma necessidade básica, e não deve ser negado e nem tirado dela, mas sim, deve ser vivenciado de forma livre e espontânea, pois através do brincar e se-movimentar a criança desenvolve um diálogo contínuo com o mundo e se adapta a ele. Sendo assim, o brincar precisa ser espontâneo e livre, respeitando o tempo que a criança tem para ser criança realmente. O brincar deve ser considerado muito importante, pois promove indagações, curiosidades para as crianças. Os pais e professores devem ver o brincar como uma atividade que propicia conhecimento, desenvolvimento, sendo muito importante, visto que traz experiências, novas descobertas, que promove aprendizagens.

Assim, a criança consegue entender melhor o que é o seu “Ser Criança”, e com isso, também os adultos conseguem entendê-la menos limitada física e emocionalmente. Em grande parte da literatura sobre o brincar de crianças pode ser encontrada a ênfase sobre a importância deste brincar sobre fatores de desenvolvimento da mesma, e por isso direcionam ações dos adultos para um brincar “didatizado” (KUNZ, 2015). Ou seja, cada tipo de brincadeira serve para diferentes finalidades direcionadas ao seu desenvolvimento.

Como as crianças atualmente apresentam inúmeras “deficiências” físicas e emocionais no seu desenvolvimento, como déficit de atenção, hiperatividade, deficiências na coordenação motora, dificuldades na locomoção, medos e depressões, entre outros, investe-se no brincar “didatizado” para superar ou solucionar tais problemas. Não se discute, nem se duvida da importância do brincar para criança. Sua negação seria a extração de uma de suas essências básicas, pois o brincar e o se-movimentar são necessários e indispensáveis para a infância, ou, melhor dizendo, são características básicas de ser humano.

Porém, crianças no mundo atual, com o eletrônico, com um controle e disciplinamento cada vez maior pelos adultos e pela escolarização precoce, com a enorme preocupação de pais e professores somente com o futuro delas, perdem liberdade de serem elas mesmas, de descobrirem o mundo com suas próprias mãos, recebem, na verdade, um “mundo de segunda mão” (KUNZ, 2015), e, com isso também sua sensibilidade emocional e corporal fica bloqueada, sem poder se expressar. Somente um livre brincar e se-movimentar poderia, neste caso, libertar a criança destas amarras do processo civilizatório da atualidade.

Para entender mais e melhor a importância do brincar e se-movimentar e, que um “brincar dançante”, como aqui queremos apresentar, pode recuperar e resgatar o mundo vivido da criança, totalmente moldado e estruturado pelos adultos, é preciso discutir um pouco mais sobre o fenômeno do desenvolvimento da criança.

Assim, se formos analisar a literatura da Educação e da Educação Física, por exemplo, é possível perceber um modelo para o desenvolvimento baseado nos padrões de desenvolvimento e crescimento, como acontece com as plantas. Ou seja, durante a evolução do crescimento é necessário atender muito bem as diferentes fases de desenvolvimento, possibilitando formação plena destas fases. Cuidando especialmente para que o desenvolvimento, no caso, o crescimento, não

se desvie do padrão, a planta não pode crescer torta ou defeituosa. As mencionadas deficiências que acima apontamos.

A polêmica maior, em torno de tudo o que ocorre com o crescimento e o desenvolvimento da criança, diz respeito aos fatores influenciadores nas fases mais destacadas do desenvolvimento da criança. São discussões teóricas que apresentam a influência dos fatores genéticos e/ou do meio ambiente como mais decisivas sobre as etapas de desenvolvimento da criança. No fundo, trata-se da questão de verificar o quanto o desenvolvimento da criança, estimulado pelo crescimento e maturação biológica, sofre influência de sua natureza genética ou hereditária, de seu talento natural, e dos estímulos do meio em que esse desenvolvimento ocorre.

Assim, para nosso caso, que não é um estudo sobre desenvolvimento da criança, mas sim, sobre fatores que seguramente influenciam esse desenvolvimento, interessa analisar alguns aspectos que não se limitam ao desenvolvimento biológico ou psicológico, simplesmente.

Sobre a importância de um olhar mais integrativo e, provavelmente, para além do biológico e psicológico, com relação ao desenvolvimento da criança e de sua constituição geral como Ser Humano, é possível verificar na aprendizagem da fala, para qualquer língua. Ou seja, uma criança brasileira é capaz de aprender, até os três anos, uma enormidade de repertórios linguísticos e uma gramática quase que perfeita. Pois bem, se essa criança, com a mesma idade, começar a residir num outro país de língua inglesa ou alemã, por exemplo, rapidamente ocorrerá o mesmo fenômeno. O linguista americano Noam Chomski (1994) afirma, sobre isso, que o Ser Humano vem ao mundo com um programa genético que o orienta na aquisição da linguagem. Ele se refere a isso como um “Bioprograma”, e que pode ser o mesmo que muitas crianças se valem quando apresentam talentos destacados, fora do normal, para a arte ou outra área do conhecimento humano. Portanto, a aprendizagem da fala tem origem genética, porém *que* língua a criança irá aprender depende, por sua vez, do meio em que ela nasceu, no caso, o português no Brasil, o alemão na Alemanha, e assim por diante.

A maior ênfase dada sobre o desenvolvimento do ser humano enquanto criança é sobre fatores biológicos e psicológicos, e, embora esses sejam realmente fatores de grande importância, é preciso lembrar que existem fatores que às vezes prejudicam bastante a criança a se desenvolver plenamente. O primeiro desses

fatores diz respeito a uma perspectiva padronizada para com as chamadas fases de desenvolvimento, de acordo com a idade, pois quando não atendida (esse padrão de desenvolvimento), muito pela influência negativa do meio ou fatores genéticos, um normal e pleno crescimento e desenvolvimento da criança pode ser afetado. Um atraso na chamada fase de desenvolvimento nem sempre significa algum prejuízo na vida, na alegria, na felicidade e nas capacidades de realização de qualquer atividade. Embora, um mundo apressado e as preocupações de pais e professores com a falta de uma “normalidade” nesse desenvolvimento pode afetar negativamente a criança. O precioso “tempo perdido” de crianças que se ocupam mais com “brincar e se-movimentar”, com pintar e dançar, entre outras atividades ditas “não sérias” significa para muitos pais e professores um atraso ao desenvolvimento normal da criança, quando não um retardo “psicofísico” na vida da criança.

Enfim, é preciso levar em consideração que, embora as abordagens do desenvolvimento da criança por fases ou etapas já seja bastante criticada, ainda não se pode encontrar abordagens convincentes para a Educação sem elas. No máximo encontram-se relativizações do tempo com relação às diferentes fases ou etapas, o que permite dizer que aceita-se um padrão menos rígido em relação ao desenvolvimento por fases.

A importância que damos aqui, ao falar sucintamente sobre o Desenvolvimento da Criança, é devido ao entendimento que temos da indispensável necessidade de se compreender melhor o fenômeno do “Ser Criança”. Neste caso, do Ser Criança num mundo da pressa e das parafernálias tecnológicas, da educação precoce no modelo da escolarização e das evidentes preocupações para o futuro da criança por um contingente enorme de pessoas e instituições. Nesse mundo parece não haver mais “tempo e espaço para o brincar e se-movimentar de crianças” (KUNZ, 2015).

A obra acima citada (KUNZ, 2015) aborda muito o tema do resgate do “Brincar e Se-Movimentar” de crianças, analisando criticamente o que acima foi exposto, ou seja, além da presença cada vez maior na vida da criança de um mundo (pré)construído, (pré)dado pelos adultos, onde se constata, não apenas a falta de tempo para brincar e se-movimentar, mas, especificamente também a falta de espaços apropriados para isso.

Portanto, os condicionantes para uma vida “séria” de crianças em sua preparação para o futuro, são inúmeros. E, embora o apelo interno possa existir para elas mesmas, de que querem e precisam brincar e se-movimentar, não conseguem mais realizar essa façanha, mesmo que algum tempo e espaço lhes seja possibilitado.

É preciso investir então num apelo emocional mais forte, mais poderoso, para tirar a criança desta inércia e levá-la novamente ao prazer, à liberdade e à sensibilidade interna de um “estar em casa”, ou seja, se sentir familiarizado com aquilo que realmente pertence ao seu mundo de vida infantil, o brincar e se-movimentar livremente.

Nesse sentido, foi pensado, para esse trabalho, que a melhor forma deste resgate seria pela apresentação de sons, ritmos e músicas às crianças, que as fizessem balançar o seu corpo ritmicamente, que sentissem e expressassem vibrações corporais advindas da música, enfim, que dançassem livre e prazerosamente como se estivessem brincando, ou seja, que brincassem dançando. Esse é o sentido do BRINCAR DANÇANTE que gostaríamos de apresentar e desenvolver neste trabalho.

Não encontramos na literatura consultada nada que abordasse diretamente do tema que aqui tanto nos interessou, o brincar dançante, ou seja, o livre, alegre e prazeroso dançar da criança ao ouvir músicas ou ritmos que a induzem a brincar, brincar dançando.

A maior parte da literatura que aborda o tema do dançar da criança interessa-se pela funcionalidade, pelas melhorias que a criança alcança em seu desenvolvimento físico, intelectual e emocional quando pratica a dança. Encontramos muitas frases do tipo: “...crianças que frequentam aulas de dança no período pré-escolar, certamente, têm mais facilidade de ser alfabetizada”.

Essas interpretações do dançar para crianças não nos interessam tanto, buscamos, então, uma melhor interpretação na arte e, nesse sentido, Coletto (2010, p.139) confirma que, para

a criança, a arte é uma forma de se expressar, pois “a natureza da criança é lidar com o mundo de modo lúdico, fazer o que lhe dá prazer e satisfação. Por isso gosta tanto de brincar e desenhar” (SANS, 1995, p. 21). A criança faz o que lhe dá prazer e alegria, brincar.

Portanto, brincar e se-movimentar remete à inerente necessidade humana da criança, e ela busca de todas as formas realizar essa necessidade. Como as ofertas de espaço, tempo e objetos de seu mundo de movimentos estão cada vez mais reduzidas e, pelas exigências de adultos para atividades mais “uteis” no dia-a-dia, a volta de um brincar e se-movimentar livre e prazeroso pode ser alcançada não apenas com ofertas de possibilidades objetivas, como espaços e objetos para brincar e se-movimentar, mas com a oferta de possibilidades subjetivas, que só a dança pode oferecer.

Num excelente artigo de Sabine Hirler (2005), com a temática “Crianças precisam da Música, do Brincar e do Dançar: o ritmo como oferta de formação integral para a educação da criança pequena” (livre tradução do alemão por Elenor Kunz), é apontado o fato de que em todas as culturas do mundo se pode notar um mesmo fenômeno: crianças extremamente entusiasmadas com uma melodia que contenha elementos de alegria de vida, que dançam e cantam juntas. A afinidade e fascinação derivadas de músicas podem ser consideradas, de maneira independente da idade, da inteligência e do âmbito cultural. A música pode ser vista como uma linguagem universal, onde o Ser Humano se deixa “aprisionar” emocionalmente, apresentando uma predileção especial por se-movimentar ritmicamente, mesmo que seja através de uma minúscula parte de seu corpo, como um dedo.

Isto demonstra claramente o poder da música, do ritmo e, em consequência, da dança para o entusiasmo, a empolgação e a satisfação das crianças que brincam e se-movimentam quando assim são estimuladas.

Mas, para acentuar ainda mais o extraordinário poder que o DANÇAR BRINCANTE tem, de resgatar e introduzir na criança a indispensável e imprescindível necessidade de brincar e se-movimentar, seria necessário ainda maiores investigações e, muito provavelmente, pesquisas empíricas com crianças, onde essas possibilidades pudessem ser observadas. Porém, devido ao exíguo tempo que é dado para a pesquisa e desenvolvimento da dissertação de mestrado, não foi possível avançar, neste momento, com uma pesquisa mais ampla e de caráter empírico.

7 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio a algumas questões entre o brincar e se-movimentar e o brincar dançante, algumas perguntas foram nos cercando, e promovendo inquietações em relação ao mundo de vida e de movimento da criança atualmente, como por exemplo, a criança ainda tem tempo para brincar livremente? Do que ela brinca? Essas articulações, pouco a pouco, foram se estruturando e dando forma a este trabalho e suas indagações.

Essa pesquisa propôs, como objetivo, investigar, pela literatura, a opressão cotidiana de crianças para se tornarem adultos produtivos, e a possibilidade de perda gradativa de uma de suas necessidades vitais que é o brincar e se-movimentar de forma mais livre e plena, e se um “brincar dançante” poderia resgatar e reintroduzir a criança nesse mundo do brincar e se-movimentar.

Neste espaço de reflexões finais podemos salientar que foi possível estabelecer um diálogo teórico com diferentes autores, sobre o assunto em questão, onde conseguimos problematizar e discutir o tema proposto neste estudo.

Num primeiro momento foi necessário destacar as concepções históricas sobre a criança no decorrer da humanidade. Foi possível perceber que a criança, por muito tempo, foi considerada um ser frágil, com pouca perspectiva de vida, onde os adultos não davam muita atenção a elas. Em seguida, no decorrer do trabalho, todo o processo de educação para as crianças foi discutido com uma análise crítica da escolarização precoce, onde teve início o surgimento das instituições para a primeira infância, e também o papel do profissional de Educação Física na Educação Infantil.

A partir daí, já é possível perceber todo o aceleração e pressão sobre a criança com a educação e escolarização precoce, além do envolvimento cada vez maior com o mundo das tecnologias. Vistas como seres incompletos, que precisam ser ensinadas, independente da época, os adultos sempre estiveram à frente das crianças impondo deveres e obrigações. Essas ações de domínio controlam o tempo da criança, tudo o que ela faz ou gostaria de fazer.

Kunz e Costa (2015, p. 31) afirmam que

estas crianças de hoje não sofrem de ameaças de morte ou doenças que as gerações antigas enfrentaram e têm muitas vantagens, mas também são mimadas, pressionadas e vítimas da superproteção até o ponto de se sufocarem. Ficam sem nenhum sentido de liberdade.

Podemos perceber, a partir do exposto, que a modernidade deu visibilidade à criança, elas estão sendo cuidadas, protegidas, educadas. Porém, todas essas vantagens trouxeram uma espécie de sufocamento às crianças, pois os adultos não permitem que elas sejam elas mesmas.

As crianças recebem sempre de segunda mão do mundo as atividades propostas a elas, o que fazer, o que brincar, como brincar. A escola, a família estão sempre estabelecendo regras que elas precisam seguir para serem adultos bem “sucedidos”. O Brincar e Se-movimentar é uma opção para ela receber o mundo pelas próprias mãos. Por isso, nesse trabalho, propusemos o brincar dançante para a criança resgatar a sua necessidade básica de brincar e se-movimentar de forma livre e espontânea através da dança. O Brincar dançante é uma maneira espontânea e divertida para desenvolver as crianças de hoje em dia, para abrir e ampliar seu campo existencial.

Portanto, se damos tanta ênfase para a necessidade de crianças brincarem e se-movimentarem livre e espontaneamente, e se insistimos que o brincar dançante é uma das formas mais lúdicas e prazerosas das crianças descobrirem, ou redescobrirem, a importância e os sentidos reais do brincar e se-movimentar, encontramos para estas considerações finais uma justificativa e um fundamento ainda maior, para introduzir ou reintroduzir crianças em seu mundo de vida e de movimento, a “vital e indispensável necessidade de brincar e se-movimentar” (KUNZ, 2015).

Trata-se do conceito encontrado em Heij (2006), de Campo Existencial, onde o autor considera que pelas possibilidades de um se-movimentar significativo, no caso, numa aula de Educação Física, o aluno pode abrir e ampliar um campo existencial para sua vida, que passa a ser e permanece de vital importância para o resto da vida deste aluno(a). Entendemos assim, que mais importante ainda é o livre brincar e se-movimentar de crianças para essa abertura e ampliação de um campo existencial. Mas, o que é verdadeiramente esse “Campo Existencial”?

Em Heij (2006) podemos ler que O SER/EXISTIR humano é um “Ser Aí”, é estar entre as pessoas e as coisas. O ser humano também se relaciona com o mundo, por isso ele existe e se expressa. Por essa razão, segundo o autor, podemos dizer que o ser humano é um Ser Relacional. Sendo assim, é possível perceber que desde o início existe uma relação do mundo com o ser humano, e isso

faz com que sempre surjam novas relações, estas podem se modificar e reconstruir as existentes. É dessa forma que o ser humano pode expandir sua existência no mundo.

Portanto, essa Existência Humana, as relações significativas realizadas pelo ser humano, sua totalidade, é possível assim caracterizar, segundo Gordjin (1970 apud HEIJ, 2006), como CAMPO EXISTENCIAL, que

Constitui-se pela totalidade de relacionamentos adquiridos pela aprendizagem e experiência. O Campo Existencial não é constante, mas uma Totalidade que pela vida toda por aprendizagens e comportamentos pode ser ampliado. [...] O campo existencial não é desta forma, uma coisa, mas um Estado do Existir, que por estar entre coisas e pessoas pode também ampliar e aumentar sua sensibilidade.

Heij (2006) explica de forma simples esse Campo Existencial, de acordo com ele uma pessoa pode ser associada e comparada a uma mancha de óleo. Essa mancha, em algumas situações, pode se espalhar mais no chão do que em outras. É assim com as crianças, elas podem ter uma “mancha de óleo” bem desenvolvida para as atividades que têm movimentos, como os jogos, esportes, danças, e, em contrapartida, na matemática essa mancha pode não apresentar uma boa locomoção. Cada pessoa possui sua mancha, a qual é correspondente à sua evolução individual. Isto é, o seu próprio Campo Existencial.

As crianças recebem, na educação de ensino, diversas oportunidades e possibilidades para expandir e ampliar seu Campo Existencial para direções diversas. São apresentadas para as crianças diferentes rotas para o seu desenvolvimento, elas podem optar por qual direção seguir para continuar o seu desenvolvimento. Portanto, é necessário que a educação sempre ofereça diferentes possibilidades para que ela possa escolher e seguir. Simplificando então, vale deixar explícito que ensinar significa expandir e ampliar o Campo Existencial, ou teria de ser isso. Para Heij (2006), “Cada ser humano necessita de um mundo para habitar. Ele vai para a rua e produz para si um Campo Existencial. Ele passa a existir. Cada um à sua maneira própria”.

Portanto, uma das primeiras formas para crianças se inserirem no mundo, habitarem um mundo, é pelo brincar e se-movimentar, e através dele, introduzir e ampliar em primeira mão um “Campo Existencial”. Esse Campo Existencial faz com que elas se sintam familiarizadas com algo que tem sentido e significado somente

para elas, o mundo delas. É imprescindível que todas as crianças possam ter essa possibilidade.

Um mundo de vida e movimento, importante na vida de crianças, se abre quando começam a visitar a escola, quando começam a vida escolar e passam a ser, além de crianças, alunos. É muito importante então, que professores saibam muito bem da existência deste Campo Existencial das crianças, e possam criar situações favoráveis para ampliar em cada um seu Campo Existencial, porque somente quando, durante uma aula, for possível abrir e ampliar para a criança um Campo Existencial, e de fato, incorporar novas significações de vida para elas, é possível se falar de Educação para estas crianças.

Neste sentido, então, é necessário refletir novamente sobre o papel da escola, das Creches, que, na maioria das vezes, ao invés de fomentar ou abrir e ampliar campos existências na vida de crianças, conduzem esse campo existencial para apenas uma direção, a do rendimento escolar precoce, que possivelmente garanta para a criança/aluno uma vida de adulto com êxito no mundo do trabalho. A escola e seus profissionais esquecem, ou não sabem, da importância vital que é para as crianças o brincar e se-movimentar, e, com ele, o “deslocamento da mancha de óleo (o campo existencial)” em direção a um aprender a saber viver, e não apenas render.

O ensino que não proporciona novas significações para as crianças pode desenvolver vivências apenas de frustração e derrota, eliminando totalmente as vivências de êxito e sucesso. Um ensino assim é meramente uma reprodução de modelos que visam resultados e condicionamentos dos alunos, para assim destacar os melhores entre os piores. Este ensino não pode ser considerado de importância para uma educação plena de alunos, e nem poderia ser chamado de Educação, talvez melhor seria, de Instrução e Capacitação para o mundo do trabalho.

Finalmente, com esse trabalho procuramos, acima de tudo, investigar e analisar a importância de um mundo de vida e de movimentos de crianças através do que Kunz (2015), juntamente com seus orientandos de longa data, caracterizou como um “Brincar e Se-Movimentar”. Os mesmos já tinham chegado à conclusão de que essa possibilidade vem se restringindo cada vez mais na atualidade, ou seja, crianças têm cada vez menos chances para um livre brincar e se-movimentar. Motivos para isso não se resumem apenas às restrições a locais e materiais para isso, e nem mesmo à opção para o brincar eletrônico, mais disponível atualmente,

mas se estendem à pressa e à pressão para “adultizar” a criança cada vez mais rápido, para garantir o êxito profissional no futuro.

Assim, em geral, a literatura consultada apontou para a perda desta importante dimensão da vida de crianças e da enorme dificuldade de resgatá-la. A vital e imprescindível necessidade de crianças brincarem e se-movimentarem já foi amplamente apontada, justificada e esclarecida em muitos trabalhos de pesquisa, que vão desde médicos, psicólogos, pedagogos, filósofos e, atualmente, profissionais da Educação Física. As consequências dessa ausência em suas vidas também já foram, em parte, apontadas, porém, mais difícil é encontrar saídas para a superação dessa ausência.

Principal objeto de investigação deste trabalho foi, portanto, analisar as possibilidades de um “Brincar Dançante”, conforme apresentado anteriormente, para resgatar novamente a alegria e o prazer de crianças no brincar e se-movimentar livre e espontâneo.

Apesar da carência de literatura sobre o assunto (especialmente em português), consideramos que é extremamente significativo estimular, motivar e introduzir crianças num significativo brincar e se-movimentar, com toda a importância que ele tem, conforme acima apresentado, para a vida das mesmas, através de um BRINCAR DANÇANTE.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Luciana. **Gestalt-terapia com crianças**: teoria e prática. São Paulo: Livro Pleno, 2005.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia**. São Paulo: Moderna, 2006.
- ARIÈS, Philippe: **História Social da Criança e da Família**, Tradução: Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- BANNMÜLLER, Eva. Música e Movimento: uma introdução. In: KUNZ, E. (Org); TREBELS, Andreas. **Educação Física crítico-emancipatória**: com uma perspectiva da pedagogia alemã do esporte. Ijuí: Unijuí, 2016.
- BETTI, Mauro. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.
- BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Caderno CEDES**, vol.19, n.48, Campinas, 1999.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. ECA _ **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Promulgada em 5 de outubro de 1988.
- BRITO, Teca Alencar. **Música na Educação Infantil**: propostas para a formação integral da criança. São Paulo: Petrópolis, 2003.
- BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Escola Infantil: pra que te quero? In: CRAIDY, Carme Maria; KAERCHER, Gládis Elise (Orgs.) **Educação Infantil**: pra que te quero? Porto Alegre: Ed Artmed, 2001, p. 13-22.
- BURCKARDT, Eduarda Virginia. **O Brincar e a indústria cultura**: É possível salvar a criança? Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.
- CHOMSKY, N. **O conhecimento da língua**. *Sua natureza, origem e uso*, Lisboa: Caminho, 1994.
- COLETO, Daniela Cristina. A importância da arte para a formação da criança. **Revista Conteúdo**. Capivari, v.1, n.3, jan./jul. 2010.
- COSTA, Andrize Ramires. **Crianças, o que elas querem e precisam do mundo, do adulto e delas mesmas?** Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós -Graduação em Educação Física – PPGEF da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2011.

CUNHA, Antonio Camilo; GONÇALVES, Sara. **A criança e o brincar como obra de arte**. 1º ed. Santo Tirso, 2015.

DAOLIO, Jocimar. **A cultura da / na educação física**. 2002. Tese (Livre-Docência em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade de Campinas, Campinas, 2002.

DEMO, Pedro. **Introdução à Metodologia da Ciência**. 1ª ed. São Paulo: Editora Atlas S. A, 1985.

_____. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez, 1990.

_____. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. 3ªed. São Paulo: Editora Atlas S. A, 1995.

EYER, D., HIRSH-PASEK, K., GOLINKOFF, R. M. **Einstein teve tempo para brincar**. Rio de Janeiro: Editora Guarda Chuva, 2006.

GADOTTI, M. **História das ideias pedagógicas**. Ed. ática: São Paulo, 2008.

HEIJ, Peter. **Begründungen eine Verantwortungs Bewegungsunterricht**. Budel: Damon, 2006. (Tradução do holandês para o alemão por Andreas H. Trebels, em 2009, e do alemão para português por Elenor Kunz, em 2014).

HIRLER, S. Kinder brauchen Musik, Spiel und Tanz: Rhythmik als ganzheitliches Bildungsangebot in der frühkindlichen Erziehung. In: **Frühe Kindheit – die erste sechs Jahre**. 8. Jg., Heft 4, p. 8-13. Deutsche Liga für Kind. 2005. (livre tradução por Elenor Kunz)

HONORÉ, C. **Sob Pressão: Criança nenhuma merece superpais**. Rio de Janeiro: Editora Afiliada, 2009.

_____. **Devagar**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

KUHLMANN JR, Moysés. Educando a infância brasileira. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FILHO, Luciano Mendes de Faria; VEIGA, Cynthia Greive. (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. **As grandes festas didáticas: a educação brasileira e as exposições internacionais, 1862-1922**. Bragança Paulista: Edusf, 2001.

KUHN, Roselaine. **Da crisálida à borboleta: a liberdade de brincar e se movimentar no mundo da vida da criança**. Tese de doutorado. Portugal, 2017.

KUNZ, Elenor; BURCKARDT, Eduarda Virginia; DONADEL, Tamara. Brincar e se-movimentar de crianças. Estudos, pesquisas, alertas e revelações continuam. In: KUNZ, E. (org). **Brincar e se-movimentar: tempos e espaços de vida da criança**. 2 ed. ampl. Ijuí: ed. Unijuí, 2017.

KUNZ, Elenor; COSTA, Andrize Ramires. A imprescindível e vital necessidade da criança: “Brincar e Se-Movimentar”. In: KUNZ, E. (Org). **Brincar e se-movimentar: tempos e espaços de vida da criança**. Ijuí: ed. Unijuí, 2015.

KUNZ, Elenor; SOUZA, Cícera Andréia de. A curiosidade da criança. In: KUNZ, E. (Org). **Brincar e se-movimentar: tempos e espaços de vida da criança**. Ijuí: ed. Unijuí, 2015.

KUNZ, Elenor. Práticas didáticas para um “conhecimento de si” de crianças e jovens na educação física. In: _____. (Org). **Didática da Educação Física 2**. 4ª ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2012.

_____. Educação Física: a questão da educação infantil. In: GRUNENVALDT, J. T. **Educação Física, esporte e sociedade: temas emergentes**. São Crsitóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2007. p.11-21.

_____. Práticas didáticas para um “conhecimento de si” de crianças e jovens na educação física. In:_____ (Org.). **Didática da Educação Física**. 2ª ed. Ijuí: Unijuí, 2004. p. 15-52.

_____. Práticas Didáticas para um “Conhecimento de Si” de crianças e jovens na Educação Física. In: _____ (Org.). **Didática da Educação Física**. v. 2, Ijuí: Unijuí, 2002.

_____. **Transformação didático-pedagógica do Esporte**. 4ª ed. Ijuí: Unijuí, 2001.

_____. **Transformação didático-pedagógica do desporto**. Ijuí: Unijuí, 1994.

_____. **Educação Física: ensino & mudanças**. Ijuí: Unijuí, 1991.

LE GOFF, Jacques. **Para um novo conceito de Idade Média**. Lisboa: Estampa,1980.

LIMA, Elaine Cristina Pereira. **Que dança faz dançar a criança?** Investigando as possibilidades da Dança-Improvisação na Educação Infantil. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós -Graduação em Educação Física – PPGEF da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2009. Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/93397/264184.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 11 abr. 2017.

MALAGUZZI, L. **La educación infantil em Reggio Emília**. Barcelona: octaedro, 2001.

MATURANA, Humberto; VERDEN-ZÖLLER, Gerda. Brincar: o caminho desenhado. In: MATURANA, H; VERDEN-ZÖLLER, G. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano**. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MARQUES, Mario Osorio. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. Ijuí: Unijuí, 2006.

OAKLANDER, Violet. **Descobrendo Crianças, a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes**. São Paulo: summus editorial, 1980.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Tradução: Suzana Menescal de A. Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

PRISZKULNIK, Léia. A criança que a psicanálise descortina. In: ROSE Jr, D. e Colaboradores. **Esporte e Atividade Física na Infância e na Adolescência**: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002. 136 p.

ROUSSEAU, Jean-Jaques. **Emílio ou da educação**. 3. ed. São Paulo: Martins Fonte, 2014.

SANTOS, Luciana Mara Espíndola. **Educação Física**: perspectivas teórico-metodológicas para a educação emancipatória na primeira infância. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2008.

SANTOS, Santa Marli Pires; CRUZ, Dulce Regina Mesquita. **Brinquedo e infância**: um guia para pais e educadores em creche. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SARAIVA-KUNZ, Maria do Carmo. Ensinando Dança através da Improvisação. **Motrivivência**. Dez. N.5, 6, 7. 1994. p. 166-169.

SAYÃO, Deborah Thomé. **Educação Física na pré-escola**: da especialização disciplinar a possibilidade de trabalho pedagógico integrado. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

SILVA, Eliane Gomes. **Educação Física Infantil**: a experiência do Se-Movimentar. Ijuí: Unijuí, 2010.

SIMON, Heloisa dos Santos; KUNZ, Elenor. O brincar como diálogo/pergunta e não como resposta à prática pedagógica. **Movimento**. Porto Alegre, v. 20, n. 01, jan./mar 2014. p. 375-394.

SOUZA, Cícera Andréia. **O “Brincar e Se-Movimentar” como expressão fundamental para a curiosidade da criança**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

STAVISKI, Gilmar; KUNZ, Elenor. Sem tempo de ser criança: O Se-Movimentar como possibilidade de transgredir uma insensibilidade para o momento presente. In: KUNZ, E. (org). **Brincar e se-movimentar**: tempos e espaços de vida da criança. 2 ed. ampl. Ijuí: Unijuí, 2017.

SURDI, Aguinaldo César. **A educação e sensibilidade**: o brincar e o “se-movimentar da criança pequena na escola. Tese de doutorado. Florianópolis, 2014.

VARGAS, Lisete Arnizaut Machado de. **Escola em dança**: movimento, expressão e arte. Porto Alegre: Mediação, 2007.

VERDEN-ZÖLLER, Gerda. O brincar na relação materno-infantil. In: MATURANA, H.; VERDEN-ZÖLLER, G. **Amar e brincar**: fundamentos esquecidos do humano. São Paulo: Palas Athena, 2004.